



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RAYANE SILVA GODOY

**A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LITERATURA: CAMINHOS POSSÍVEIS DE UM
FAZER PEDAGÓGICO**

Brasília
2012

RAYANE SILVA GODOY

**A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LITERATURA: CAMINHOS POSSÍVEIS DE UM
FAZER PEDAGÓGICO**

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues

**Brasília
2012**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RAYANE SILVA GODOY

**A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LITERATURA: CAMINHOS POSSÍVEIS DE UM
FAZER PEDAGÓGICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Comissão Examinadora:

Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues
Orientadora

Dra. Sônia Marise Salles Carvalho

Dra. Simone Rodrigues do Amaral

Aos meus alunos, minha paixão e
inspiração para acordar todos os dias e
desejar ser professora, ser a melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Renier e Fátima, sempre tão dedicados a dar o melhor por mim e por meus irmãos. Obrigada pelo amor que sinto quando penso em vocês, ao lugar de apoio que sei que sempre vai estar aí quando eu precisar e por tudo que somos enquanto família. São vocês que fazem a minha vida mais bonita, alimentam meus sonhos, me dão forças e me fazem querer conquistar sempre mais.

Aos meus irmãos Rêiner e Raysla, amigos para qualquer hora, pessoas tão belas e sensíveis. Parte de mim que quero sempre por perto. Amo muito e tenho orgulho de ser irmã de vocês. Contem sempre comigo.

À minha avó Hildernir, sempre presente, carinhosa e prestativa. Meu maior exemplo de paciência e amor ao próximo. Uma vovó única, cheia de palavras doces independente do momento e da situação. Seu exemplo e sua história me emocionam. Eu te amo.

À Eliza, minha irmã do coração, às amigas Nina, Laila, Camilla, Larissa e Lara e ao amigo Fernando, é em vocês que penso quando me vem na cabeça a palavra amigo.

Aos meus primos, todos tão diferentes, mas sempre presentes e especiais. A companhia de vocês me deixa mais feliz.

Às minhas tias Silvana, Fran e Márcia, sempre tão lindas e prontas para ajudar independente da situação. Quando eu crescer desejo ser uma tia que nem vocês.

Ao meu namorado e amigo Pedro Henrique. Sempre me apoiando, escutando, dando dicas e demonstrando seu carinho por mim.

À minha professora orientadora Maria Alexandra Militão Rodrigues, pelo acolhimento, sempre educada e carinhosa com suas lindas palavras. Você me inspira como educadora.

O meu último, principal e mais importante agradecimento é a Deus, que me permitiu chegar até aqui, me proporcionou conhecer e viver com pessoas tão maravilhosas. Tenho certeza que Ele escolheu cada um de maneira especial para estar ao meu lado. Vocês são meus presentinhos e eu sou muito grata pela vida de cada um. Por cada momento vivido, por conseguir chegar até aqui e por saber que ainda tem muito mais esperando por mim.

Para minha família – que, algumas vezes não me entendeu, mas me incentivou a fazer tudo o que eu quis, mesmo não concordando. Agora percebo que é necessário muito amor para fazer isso.

Todd Parr (2003, p. 7)

RESUMO

Referência: GODOY, Rayane Silva. **A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LITERATURA: CAMINHOS POSSÍVEIS DE UM FAZER PEDAGÓGICO**. 2012. 77 páginas. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2012.

O presente trabalho busca conhecer, identificar, implementar e refletir sobre o uso do livro literário em classes de educação infantil, favorecendo a relação entre os alunos e os livros e proporcionando um encontro lúdico e prazeroso para as crianças que ainda não dominam convencionalmente a leitura e a escrita. Para se alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa em uma escola particular do Distrito Federal, com uma turma da educação infantil com alunos com idade de três e quatro anos. Foram realizadas oficinas com leitura de livros literários que proporcionaram momentos de ludicidade, diálogo, conhecimento e criação a partir das histórias presentes nos livros. Essa prática proporcionou ainda momentos de interesse, participação, escuta sensível e entusiasmo pelo mundo dos livros, despertando-os para esse mundo de imaginação que o livro e suas histórias proporcionam. Nesse contexto, podemos entender o que é literatura infantil, conhecendo um pouco da sua história e dialogando sobre estratégias, recursos, ambientes e o papel do professor enquanto mediador entre a criança e o livro literário. Percebemos, assim, que a utilização do livro literário configura-se como um excelente caminho pedagógico para que o educador atraia e desperte o interesse das crianças pelos livros, impulsionando-as a se tornarem futuros leitores.

Palavras-chave: Literatura infantil; Livro literário infantil; Educação infantil; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This paperwork seeks to understand, identify, implement and reflect on the use of the literary book in kindergarten classes, favoring the relationship between students and books and providing a fun and enjoyable encounter for children who have not mastered reading and conventional writing. To achieve our objective, we conducted a qualitative study in a private school in the Federal District with a group of early childhood education with students aged three and four years. Workshops were held with reading literary books that provided moments of playfulness, dialogue, understanding and creation of stories from these books. This practice also provided moments of interest, participation, sensitive listening and enthusiasm related to the world of books, awakening them to this world of imagination that the book and their stories provide. In this context, we can understand what children's literature is, knowing a little of their history and talking about strategies, resources, environment and the role of the teacher as mediator between the child and the literary book. We realize, therefore, that the use of literary book presents itself as an excellent way for teaching the educator attract and awaken children's interest in books, pushing them to become future readers.

Keywords: Children's literature; children's literature book; Early Childhood Education; pedagogical practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Capa da obra <i>O Livro da Família</i>, de Todd Parr	47
Foto 2 – Capa da obra <i>A velhinha que dava nome às coisas</i>, de Cynthia Rylant	48
Foto 3 – Capa da obra <i>O Livro do Planeta Terra</i>, de Todd Parr	50
Foto 4 – Desenho Carla	56
Foto 5 – Desenho Ana Beatriz	56
Foto 6 – Desenho Luiza	57
Foto 7 – Desenho Paulo	57
Foto 8 – Marcos e seu nome	64
Foto 9 – No primeiro desenho Bárbara e no segundo Maria Eduarda na barriga da mãe	64
Foto 10 – Crianças pintando o jornal	70
Foto 11 – Páginas do livro feitas pelas crianças	70

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PARTE I.....	12
MEMORIAL.....	13
PARTE II	18
INTRODUÇÃO	19
OBJETIVOS	21
1 OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL	22
1.1 O QUE É LITERATURA INFANTIL	22
1.2 DA ORIGEM E HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL	26
2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LITERATURA	32
2.1 POR QUE UTILIZAR O LIVRO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	32
2.2 A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR NA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS ...	34
2.3 POSSIBILIDADES TEMÁTICAS INFINITAS.....	36
2.4 A CONVERSA COM AS CRIANÇAS	37
3 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E RECURSOS MATERIAIS NO TRABALHO PEDAGÓGICO COM LITERATURA INFANTIL	39
3.1 AMBIENTES, ESPAÇOS E RECURSOS.....	39
4 METODOLOGIA.....	42
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	42
4.2 CONTEXTO DA ESCOLA	44
4.2.1 Espaço Físico	44
4.2.2 Equipe Pedagógica	44
4.2.3 Espaços para a Literatura Infantil.....	45
4.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA	46
4.4 OFICINAS.....	46
4.4.1 Oficina 1	47
4.4.2 Oficina 2	48
4.4.3 Oficina 3	49
5 REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM LIVROS LITERÁRIOS	51
5.1 CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DAS OFICINAS	51
5.2 1ª OFICINA: MINHA FAMÍLIA	51
5.3 2ª OFICINA: QUAL A HISTÓRIA DO MEU NOME?.....	57
5.4 3ª OFICINA: CUIDADOS COM O PLANETA.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
PARTE III.....	74

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	75
REFERÊNCIAS	76

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em três partes: memorial, monografia e perspectivas profissionais.

No memorial, que compõe a primeira parte do trabalho, conto um pouco das minhas memórias educativas e sociais que me trouxeram até aqui. Em um breve relato, conto parte da minha trajetória de vida, fatos e vivências que influenciaram minhas escolhas e refletiram na minha formação como educadora.

Na segunda parte, a monografia é dividida em cinco capítulos. O primeiro aborda um breve entendimento do que é literatura infantil e sua história. O segundo capítulo apresenta motivos e caminhos possíveis do livro literário na sala de aula, a importância do professor enquanto mediador entre a criança e o livro, as possibilidades de temáticas dos livros e a importância de se dialogar com as crianças sobre as experiências vividas na educação infantil por meio do livro literário. O terceiro capítulo aborda um pouco dos espaços e recursos materiais que podem ser utilizados no trabalho pedagógico com literatura realizado na educação infantil. No quarto capítulo, explica-se como a pesquisa foi realizada para alcançar os objetivos traçados nesse trabalho, apresenta-se também o contexto da escola e dos alunos onde a pesquisa foi realizada. No quinto e último capítulo encontram-se as oficinas realizadas. Nelas o objetivo foi desenvolver atividades pedagógicas que proporcionem às crianças um encontro lúdico por meio do livro literário e ao mesmo tempo uma reflexão e análise da relação entre as crianças, o professor e os livros.

A terceira parte do trabalho trás minhas perspectivas profissionais baseada no futuro que pretendo traçar enquanto profissional.

PARTE I

MEMORIAL

Nasci dia 4 de agosto de 1989, minha família era formada pelo meu pai Renier, minha mãe Fátima e meu irmão Rêiner. Seis anos depois nasceu minha irmã mais nova, Raysla.

Entrei na escola com seis anos, mas bem antes disso tive contato com o ambiente escolar. Minha mãe é pedagoga e acompanhei desde cedo a rotina de uma professora.

Uma história interessante sobre meu primeiro contato com a escola aconteceu quando eu tinha quatro anos. Esperei que todos terminassem o almoço e fossem tirar um cochilo como de costume. Peguei então uma bolsa, alguns livros velhos e lápis que eu usava para brincar de escolinha e fui correndo para uma escola pública que fica embaixo da minha rua. Cheguei lá, procurei uma sala em que todos fossem da minha altura e fiquei. Quando a professora chegou, me tratou como aluna nova, até ela perceber que meu nome não estava na chamada. Preocupada, a professora foi até a secretaria e perguntou para se havia alguma aluna nova. A secretária, achando estranho o acontecimento, foi até a sala e me reconheceu, ela era colega da minha mãe e já havia me visto em alguns eventos. Ela então ligou para minha mãe, que me buscou na escola.

Logo depois desse acontecimento penso, que minha mãe entendeu que seria uma boa me matricular em uma escola. Estudei então no Colégio Príncipezinho, lembro que era uma escola de freiras e os momentos que mais me marcaram nessa época foram as apresentações de datas comemorativas em que eu sempre participava de teatros e danças.

Quando fui para a primeira série minha mãe me matriculou na Escola Classe 18 de Taguatinga, uma escola modelo muito conhecida. Estudei lá até a quarta série, aprendi bastante e fiz amigos que levo até hoje. Lembro-me de duas professoras em especial, a Luzia e a Isete. A Luzia me ensinou a ler, escrever e adorar a leitura, a Isete trabalhou com a minha turma as crianças com necessidades educacionais especiais. Fomos visitar uma escola, assistimos filmes, ela nos contou algumas histórias e eu adorei o estudo. Nessa época ainda não se trabalhava com inclusão e as crianças com necessidades especiais estudavam em escolas separadas, foi muito legal esse momento, pois minha turma e eu desde criança

conseguimos compreender que todos somos diferentes: temos limitações e precisamos sempre respeitar uns aos outros.

A escola realizava todos os anos uma feira do livro, cada turma escrevia um livro com produções de textos coletivos e textos individuais, era legal, pois cada criança se sentia como um verdadeiro escritor.

Também era realizado na escola um projeto sobre a água. Na nossa imaginação era um fantasma do bem que cuidava da nossa escola e protegia a água, seu nome era Mancha Azul e ele sempre nos deixava dicas sobre como economizar a água e preservar a natureza.

No ensino fundamental fiz a quinta e a sexta série no Colégio Projeção, a sétima e oitava no Marista, os dois colégios em Taguatinga. Nessas duas escolas aprendi bastante, comecei a fazer provas e simulados, na quinta série esse novo modo de avaliação me assustou um pouco, mas depois me acostumei. Nessa época fiz vários colegas e uma grande amiga, Eliza, que me acompanha até hoje. As minhas lembranças do Marista são o handebol, participei de várias competições e viajei com a escola para Recife.

Já no meu ensino médio mudei mais uma vez de escola. Como os três próximos anos seriam de dedicação ao vestibular, minha mãe procurou uma escola que me preparasse bem para isso. Fiz os meus três anos do ensino médio no Colégio Ideal. Ele foi inaugurado nesse mesmo ano em que eu entrei, vários professores famosos de cursinhos se juntaram para abrir essa escola, por isso no primeiro ano de funcionamento a escola era bem pequena, com apenas duas turmas de cada nível. O lado positivo de a escola ser assim era que todos se conheciam e tínhamos uma certa amizade com a direção e os professores. No segundo ano a escola cresceu, não era mais como antes, e sim quatro turmas de cada nível, não dava para conhecer todo mundo, mas ainda havia uma relação boa entre a direção, professores e os alunos. No terceiro ano, eles tiveram que comprar o terreno do lado e fazer um “puxadinho” com mais salas, um espaço para mais uma lanchonete e uma mini quadra. A escola estava ficando muito famosa pela quantidade de alunos que eram aprovados na UnB.

Foram muito bons todos os anos do Ideal, com certeza a melhor escola da minha vida, vivi muitos momentos marcantes. Fizemos uma viagem no segundo e outra no terceiro ano, eram sempre intercâmbios entre a nossa escola e alguma outra de cidade diferente da nossa. Lá participávamos de algumas festas e

competições. Lembro-me de várias madrugadas que não dormi estudando para as provas do Ideal, várias mesmo, na maioria dos dias da semana de prova eu nem dormia, ficava estudando até a hora de ir para escola. Eu tinha um grupo de amigas que sempre se reunia nas casas umas das outras para estudar. No terceiro ano estudamos muito mais que o normal, foram várias madrugadas sem dormir, mas fomos muito felizes, fizemos nossa formatura, todos os vestibulares e o PAS, tivemos todas as instruções necessárias para alcançar bons resultados. Do meu terceiro ano foram mais de cem alunos aprovados na UnB, e eu fui uma dessas alunas.

E agora começa a minha história com a UnB, a minha descoberta e meu caso de amor com a educação.

Depois de muito estudo, estava na praia quando minha avó ligou contando que o Beto (professor e diretor do Ideal) havia ligado na minha casa para avisar da minha aprovação no PAS. Até então eu não achava que passaria, e na verdade marquei Pedagogia porque a nota que eu tinha não dava para passar em nenhum curso na área da saúde. Comecei então Pedagogia na UnB e cursinho para o vestibular, pois ainda queria tentar alguma coisa na área da saúde, eu achava que era nessa área que eu iria me encontrar. Foi no primeiro semestre de UnB que o “bichinho da pedagogia me mordeu”. Essa brincadeira de bichinho mordendo vem da minha mãe, pois, apesar do meu pai ser dentista e ter um consultório só dele para que os filhos pudessem usar, eu e meu irmão mais velho, resolvemos ser professores. E assim eu acabei desistindo do cursinho e de outro curso na área de saúde.

Cada semestre que passava eu ia me envolvendo mais, no segundo semestre comecei um estágio no Colégio La Salle. Foi nesse momento que eu tive certeza da minha escolha. A professora Dani com quem eu trabalhava me deixou apaixonada pelas crianças e por tudo que ensinávamos e aprendíamos com elas. Fiquei encantada com o trabalho, foi ali que descobri o que eu queria ser quando crescer! No ano seguinte a Dani começou a trabalhar no Colégio CIMAN, me indicou e novamente trabalhei com ela. Esses dois anos trabalhando com a Dani foram muito importantes na minha vida, ela sempre me dava dicas de como agir e eu buscava sempre observar seu modo com as crianças. No ano seguinte a Dani pediu demissão da escola e foi aí que comecei a caminhar sozinha, pois até então ela sempre me ajudava tanto na parte pedagógica quanto na pessoal. Continuei

trabalhando no mesmo colégio, juntando desafios e experiências que me davam ainda mais certeza da minha escolha.

Na faculdade, estive com vários professores que me marcaram, uns por conta das suas picaresagens, outros pelas suas experiências e ainda os que me transmitiram o seu amor pelo educar.

Minha família me apoiou muito durante esses anos na UnB, minha mãe sempre dando suas dicas profissionais valiosas, me ajudando com os trabalhos e até recortando papel quando precisava. Meu pai sempre financiando as xerox sem fim e incentivando de todas as maneiras que estavam em seu alcance. Meu irmão me dava dicas de matérias e minha irmã digitava alguns trabalhos para facilitar minha vida. Sem eles ao meu lado esse momento não existiria.

Não posso deixar de falar das minhas “MILGAS”! Sem elas a UnB e minha vida não teria sido a mesma. Cada uma com seu jeitinho me marcou de maneira especial. Nina, Laila, Camilla, Taí, Ellen, Ju, Brinks, Fernanda. Vivemos muitas histórias, segredos, trabalhos que realmente davam o maior trabalho, seminários sem fim, festas, lanchinhos, churrascos e muitas memórias, daquelas que vamos contar para os nossos filhos. Ou não! Melhor ficar tudo entre nós mesmo.

E aquelas que dividiram o mesmo ambiente de trabalho e faculdade comigo, como não citar a troca de experiências, cada dica de como trocar uma fralda, ou as caronas seguidas de lanches e as aulas chatas depois de um dia inteiro de trabalho. Hayane, Rita, Laila Junqueira, Liana, Taína, Andressa, Fernanda, Andressa e Betão. Elas tornaram tudo mais fácil e divertido.

E o último fato marcante antes da monografia acontece quando encontro o amor. Dizem que quem procura acha, eu não estava procurando nada, pelo contrário queria distância de tudo que fizesse o coração bater fora do ritmo normal. Foi nesse momento, quando eu menos esperava, em uma matéria do meu último semestre que conheci o Pedro Henrique. Um nerd, que sempre me irritava durante as aulas com seus comentários. Hoje chamo de namorado e no momento e local que eu menos esperava, o amor apareceu. Sou tão feliz por esse momento!

Esse parágrafo fica para a história da monografia. Me deu o maior trabalho, mas acho que enfim estou conseguindo. Comecei a escrever no semestre anterior, fiz pesquisa, entrevista e tinha parte dela pronta. Por vários motivos como excesso de matéria e divergências com a professora que estava me orientando, desisti. Nesse semestre então corri atrás da professora Alexandra, que é sempre muito

solicitada. Ela me recebeu com muito carinho e disposição. Me deu várias dicas preciosas, lia todos os meus textos, rascunhos e besteirinhas com cuidado, paciência e sempre pontuando as partes necessárias. Foi uma sorte a minha ter tido ela como orientadora, uma educadora única e apaixonante.

Para concluir preciso me declarar, dizer que amo o que faço, adoro ser professora e acredito que a educação pode sim mudar a vida das pessoas. Afinal ela me muda toda vez que entro em sala e encontro aquelas coisinhas pequenininhas me chamando de *popessola*, ela me mudou com cada professor que passou pela minha vida e ainda me muda quando penso que todo mundo é um professor em potencial, cada pessoa que passa nos ensina algo.

PARTE II
MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A escolha do tema “O papel dos livros literários no cotidiano pedagógico da educação infantil” surge por acreditar que as histórias infantis têm o grande poder de prender a atenção das crianças e de conduzi-las a vivências de significação que contribuem para o seu desenvolvimento interno e interpessoal. Podemos usá-las de várias maneiras e para muitos meios. Elas podem transmitir cultura, passar alguma moral, falar de sentimentos e muitas outras coisas. Assim, no processo educativo entendo que o livro literário pode ser uma fonte rica para se trabalhar diversos temas, gerando possibilidades para que o trabalho pedagógico flua de maneira criativa, estimulando a imaginação das crianças e influenciando no aprendizado e interesse pela leitura e escrita.

Atualmente esse tema é alvo de muitos estudos e pesquisas, muitos autores lançam livros e reconhecem a importância das histórias infantis como uma estratégia no processo de formação de leitores. É o caso de Ana Maria Machado e Ruth Rocha, duas das mais importantes autoras de histórias infantis que recentemente lançaram o livro *Contando histórias, formando leitores* (2011). Nesse livro conseguimos enxergar, por meio do diálogo das autoras, vários pontos importantes sobre a formação de leitores, entre eles a atuação do professor, o livro em si, o papel do ambiente familiar e escuta nos processos de leitura.

Em reflexão após a leitura do livro, me vieram à memória alguns momentos da minha infância, em que minha mãe me deu vários livros de presente. Mesmo eu, ainda não sabendo ler convencionalmente, brincava de fingir que estava lendo e a partir das imagens inventava minhas histórias. Lembro também dos gibis que meu pai lia antes de dormir. Mesmo sem saber ler ou escrever, esse contato com os livros despertou em mim grande curiosidade e desejo pela leitura. Hoje essas lembranças continuam e são uns dos motivos que me levam escrever sobre esse tema.

Percebendo o ambiente que foi criado em minha casa, começo a refletir enquanto professora em formação, sobre a importância de espaços e trabalhos que devem ser criados e realizados dentro da escola para proporcionar um aprendizado significativo por meio da literatura infantil.

Acreditando que podemos favorecer o desenvolvimento das crianças fazendo uso de livros literários, contribuindo assim para o desenvolvimento de habilidades,

competências, autonomia, relações sociais e para a formação de futuros leitores, é relevante perguntar: de que maneira o livro infantil favorece a descoberta de mundo e de si mesmo? Como a escola percebe e utiliza a literatura infantil em sua sala de aula? Que lugar a literatura infantil tem nos processos de alfabetização e letramento das crianças pequenas? Como se trabalha por meio de livros literários? Que efeitos as histórias contadas têm na vida das crianças?

Esses questionamentos me levaram a refletir sobre a prática de diversas professoras que acompanhei durante os estágios da graduação, nas escolas em que eu estive e nas variadas situações onde eu era a professora responsável pela turma. Hoje, como professora regente da educação infantil com alunos de três anos, desejo ter uma prática pedagógica significativa na vida das crianças e por meio dessa pesquisa encontrar talvez possibilidades de reflexão para construir caminhos para envolver meus alunos e dar conta de suas necessidades.

OBJETIVOS

O objetivo geral da minha pesquisa é identificar e implementar práticas pedagógicas por meio de livros literários que contribuam para o desenvolvimento da criança no contexto da educação infantil.

E meus objetivos específicos são:

- Identificar como o livro literário pode auxiliar nas práticas pedagógicas.
- Observar como a literatura infantil tem sido compreendida e trabalhada nos espaços da escola, em especial no contexto de educação infantil.
- Compreender como o trabalho das professoras com as histórias pode contribuir para a construção de uma relação prazerosa entre a criança e os livros.
- Refletir sobre a relação da criança com o livro no contexto de educação infantil.
- Desenvolver atividades pedagógicas que possibilitem à relação lúdica entre as crianças e os livros.
- Analisar as possíveis contribuições da literatura infantil no desenvolvimento da autonomia, relações sociais dos alunos e das competências e habilidades de leitura das crianças.

1 OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL

Acho que a literatura deve tratar sempre daqueles assuntos meio vagos, sobre os quais ninguém pode ensinar, só compartilhar: as emoções, os medos, as paixões, as alegrias, as injustiças, o cômico, os sonhos, a passagem inexorável do tempo, a dupla existência da verdade, as utopias, o sublime, o paradoxal, as ambigüidades, a busca do auto-conhecimento, coisas banais que fazem parte do dia-a dia de todas as pessoas. Para mim, a literatura, inclusive a infantil, é, sem dúvida, uma forma de tentar compreender a vida e o mundo.

Ricardo Azevedo

Neste capítulo buscaremos compreender o que é literatura *infantil*, algumas de suas características e o que faz dela um ramo especial e diferente da literatura. Conheceremos também um pouco da sua origem e história, entendendo como e quando a criança e a literatura se encontraram.

1.1 O QUE É LITERATURA INFANTIL

Neste tópico buscaremos compreender o que é literatura infantil, expondo o entendimento sobre o assunto e quais as diferenças entre ela e a literatura que chamaremos de tradicional por ser destinada ao público adulto.

Buscando em várias bibliografias um conceito claro e direto sobre o que é literatura infantil, percebi que os autores, em comum, afirmam que a literatura é uma arte e que a literatura infantil é a arte direcionada a crianças e é esse direcionamento a crianças que justifica a existência de um ramo chamado “literatura infantil”.

Percebemos, pois, em poucas palavras e em um humilde entendimento, que a literatura envolve o fenômeno da “paixão que se converte em linguagem e que comove o outro (...)” (SANT’ANNA, 2000, p. 15) e o escritor verdadeiro como “aquele que converte todas as sensações e pensamentos em linguagem (...). O mundo lhe vem filtrado através das palavras” (idem, *ibidem*). A literatura infantil deseja alcançar as crianças dessa mesma maneira, ainda que existam diferenças e especificidades. Sobre o tema, Parreiras (2009, p. 47) diz afirma que: "A literatura pode ser entendida como uma expressão artística, a arte das palavras; como uma manifestação de sentimentos, sensações, impressões e como a expressão lírica de um artista da palavra".

E sobre a literatura infantil Coelho (2000, p. 27) explica que:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da

palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...

A literatura infantil mexe com o imaginário das crianças e é por meio desse imaginário que os autores de livros infantis buscam envolver os leitores e aqueles que fazem a mediação entre o livro e os que ainda não sabem ler convencionalmente. É por meio do texto que os autores criam a literatura infantil e por isso Gregorin Filho (2009, p. 15) defende que:

O que se percebe é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros elementos textuais [...].

A literatura dedicada a crianças possui alguns detalhes que a diferencia das outras literaturas. Coelho (2000, p. 27) explica em seu livro que "literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana [...]". Já no caso da literatura infantil, sendo um ramo específico para crianças, precisamos entender o que torna o texto literário infantil diferente dos demais.

Antes de tratar das características do livro literário infantil, precisamos entender que, neste trabalho, vamos priorizar o olhar para crianças da educação infantil, que estão em uma faixa etária de 2 a 5 anos de idade, crianças essas que ainda não dominam a leitura convencionalmente e por isso dependem de um adulto como mediador entre ela e o livro. O adulto será não somente o leitor, mas, principalmente, aquele que apresentara o livro em si para a criança.

Os livros literários indicados para essas crianças da educação infantil devem ter uma preocupação quanto ao conteúdo. Dessa maneira, entende-se que a literatura infantil utiliza o texto literário para entrar em contato com o leitor e aquele que esta escutando a história. A criança é, pois, o que se pretende alcançar usando a literatura infantil, é para ela que se escreve e por isso o texto precisa ser pensado e estruturado de forma com que elas entendam e se interessem.

Segundo Cademartori (1986, p. 21), "[q]uando se fala em literatura infantil, através do adjetivo, particulariza-se a questão dessa literatura em função do destinatário estipulado: a criança". É necessária toda uma preocupação com o que vai estar escrito em um texto de literatura infantil, compreender que o entendimento e interesse das crianças são diferentes do manifestado pelos adultos é o que

certamente fará diferença no momento que se pretende atrair a criança a escutar e ler histórias destinadas a ela.

A linguagem utilizada no livro, portanto, precisa estar de acordo com a idade, para que a criança consiga entender a história e fazer uso dela para dialogar, brincar, imaginar e aprender novas coisas. Entendemos, então, que na literatura infantil se utiliza uma linguagem e um texto que têm como prioridade se fazer entendidos para crianças.

Dessa forma, tem-se que o texto para crianças faz uso das palavras para brincar com crianças e se apoia em imagens para juntos alcançar o leitor e ouvinte. Falamos aqui em ouvinte porque as crianças são, antes de leitoras, ouvintes de histórias infantis, seja pelos pais ou demais familiares, como pela escola. Geralmente, os primeiros contatos das crianças com histórias e livros serão mediados por um adulto.

Antes mesmo de entender, tocar ou conhecer o livro, as crianças pequenas já têm contato com histórias pelas vivências do cotidiano. Mas em idade tão tenra são as imagens que, junto do texto, despertarão o interesse da criança. Segundo Coelho (2009, p. 34), é importante o "[p]redomínio absoluto da imagem (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.), sem texto escrito ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos ou dramatizados pelo adulto, afim de que a criança comece a perceber a inter-relação entre o mundo real que a cerca e o mundo da palavra [...]". É pela imagem que a criança vai abrir a imaginação para compreender o texto escrito. As imagens geram possibilidades de interpretações, de entendimento e para a própria criação da criança.

Para Garcez (2008, p. 52), a seu turno, as cores, os traços de contorno do desenho, figuras humanas e animais, textura da cor e composições sugerem sensações e influenciam o entendimento da história, abrindo possibilidades para o entendimento da criança, sugerindo opções, oportunizando novas maneiras de ver a vida e possibilitando uma leitura do livro por meio das imagens.

Portanto, todos os detalhes do livro contribuem para que a história seja divertida e interessante, para que as crianças queiram mais, para que tenham desejo de manusear e brincar com algo que, daqui alguns anos, possa ser uma paixão. A descoberta do livro faz parte de um processo que, dependendo da maneira que acontece, influenciará toda uma vida. E, quem sabe, o contato da criança pequena não influencie também a formação de futuros leitores!

Conseguimos perceber então que texto e imagem participam juntos, se completam no livro literário infantil. O texto objetiva passar informações, curiosidades, histórias, humor e muitas outras coisas. A imagem encaixa-se enriquecendo a informação do texto, complementando ou simplesmente divertindo a situação, abrindo espaço para que a criança imagine o que quiser, usando seus conhecimentos para o entendimento do texto.

São basicamente as características das imagens e dos textos que diferenciam o texto literário tradicional do texto literário infantil. Nas literaturas direcionadas a adultos encontramos textos longos e em poucos casos se utilizam imagens para ilustrar as situações ao contrário do que acontece em livros dedicados às crianças. Nos dois tipos de literatura a estética é muito importante, mas especificamente na literatura infantil as crianças vão preferencialmente escolher os livros a partir do visual.

Por meio do visual, cores, imagens e tamanhos que a criança pequena poderá decidir qual livro seus pais, professores ou mediadores irão ler para ela e, quando o intuito da criança for apenas folhear o livro, a escolha também será feita primeiramente por meio do olhar. Por isso, percebe-se que o cuidado da edição do livro deve ser todo pensado em atrair o leitor, em atrair os olhos das crianças que, entre um brinquedo e um livro, consigam achar o livro também interessante. Porém, estas características não bastam para que se reconheça e caracterize o livro de literatura infantil. Conforme Parreira (2009, p. 23):

Muitas das obras que têm sido publicadas no mercado editorial como literatura infantil são livros, e não literatura. Para uma obra ser literária, é necessário que haja a predominância da função metalinguística no texto e na imagem visual. É a Poética que caracteriza o literário. É o manejo artístico das palavras feito pelo escritor; é o manejo artístico dos desenhos feito pelo ilustrador.

Para ser literatura infantil não é suficiente que um livro tenha somente texto e imagens, é necessário que todos os objetos dos livros estejam em concordância uns com os outros, precisa ter arte como conteúdo e significado emotivo para tornar a leitura única e singular. O leitor e a criança que escuta a história precisam se sentir incomodados pelo livro, se sentir envolvidos em um sentido bom ou ruim, mas que, de alguma forma, eles não sejam os mesmos após a leitura. O papel da literatura infantil talvez seja esse, passar informação, divertir, conhecer e compartilhar com o leitor, tanto por meio do texto escrito, como pela imagem, que de tão bons farão com

que a criança não queria apenas escutar, mas tocar, manusear livremente e, com suas próprias mãos, tocar a história, enfim, fazer parte dela.

Abramovich (1997, p. 145-146) traz em seu livro algumas percepções sobre as características de estrutura física do livro que podem atrair ou não o interesse do leitor:

A começar pela capa (se bonita, feia, atraente, boba, sem nada a ver com a narrativa...), do título -- que, afinal, são o primeiro contato que se tem com o volume: o impacto visual e a curiosidade despertada ou adormecida... [...] E o jeito como o volume foi paginado, olhando muito do bem olhado se a ilustração corresponde ao que está escrito na página [...]. E se as letras eram grandonas, gostosas de ler, ou pequenas, apertadinhas [...]. E tanta coisa mais que é percebida pelo leitor e merece ser discutida [...] analisar, comentar o formato do livro: quadrado, retangular, comprido, miudinho... [...].

Quando um educador preparado e sensível escolhe o livro para a criança ele consegue, de uma maneira mais clara, perceber todos esses detalhes para selecionar a sua escolha, mas mesmo a criança pequena já tem em si um padrão de escolha, sabe selecionar o que lhe atrai ou não. E, dentro dessas palavras de Abramovich, entendo que quando a criança for escolher seu livro, dependendo das características dele, é que essa escolha será feita. Por isso é importante a estrutura da construção do livro literário para criança.

Ricardo Azevedo, um importante escritor brasileiro, em seu *site*, em sua bibliografia, diz que "a literatura, inclusive a infantil, é, sem dúvida, uma forma de tentar compreender a vida e o mundo". Autores que escrevem para crianças podem, por meio do texto escrito, da linguagem, formato e imagens alcançar os pequenos, suas vidas e mundos, acrescentando e dando possibilidades para que, por meio do livro, elas tenham mais uma possibilidade e recurso para a construção do seu eu.

Após esse breve estudo sobre algumas características essenciais da literatura infantil, podemos dizer que ela é arte sim, que por meio do seu texto e imagens envolve não somente adultos como principalmente crianças. Essa é a função da literatura infantil, que atualmente enche livrarias, escolas e casas com vários títulos e autores que se dedicam a esse ramo da literatura.

1.2 DA ORIGEM E HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Neste tópico buscaremos entender o surgimento da literatura infantil, sua história no Brasil e no Mundo e a situação na atualidade. Essa compreensão é

importante para uma melhor compreensão da literatura infantil, os espaços conquistados para as crianças ao longo da história e a construção deste trabalho.

No livro de Zilberman (2003), a autora nos conta parte dessa história. A literatura infantil surge durante o século XVIII, época em que grandes mudanças artísticas aconteceram. Mudanças também ocorreram em relação às famílias burguesas, que se desenvolveram e, por meio do poder econômico, ajudaram a desenvolver também novas classes sociais. As pessoas das classes mais altas tinham acesso à leitura de livros clássicos, já as de origem humilde só tinham acesso a histórias por meio da tradição oral popular, contada de um adulto para o outro, que contava também às crianças. Crianças essas que não eram vistas como crianças, e sim como um adulto em miniatura, que deveria contribuir para a sociedade como os demais. Gregorin Filho (2009, p. 40) defende que:

Temos, hoje, uma concepção de criança e de seu universo como sendo um conceito que se construiu do dialogismo, no sentido bakhtiniano do termo, entre textos que se produziram historicamente, ou seja, criança para nossa sociedade é um conceito histórico e dialético da etapa de desenvolvimento do ser humano.

A criança foi "aceita" progressivamente como criança ao longo da história e ao longo dos anos adquirindo seu lugar na sociedade, com atribuições e ganhando espaços especiais como a escola. Um exemplo é a maioridade hoje aos 18, enquanto antigamente no período romano essa maioridade se dava aos 12 anos para a mulher e aos 14 para homens (ALVES, 2004, p. 126).

O reconhecimento da infância contribuiu para que locais destinados às crianças e literatura fossem, ao longo dos anos, criados *apenas* para elas. A criança e a mãe burguesa, então, ganham espaço dentro de casa, onde a preservação da vida da criança aparece como um privilégio das classes mais altas, já nas classes baixas, a preservação da criança é para que venha a servir como mão de obra barata, tratando-se, pois, de uma política de disponibilização de mão-de-obra, considerado o contexto da Revolução Industrial. A escola surge, assim, como um espaço para a criança ficar, ser mantida ocupada, não ficar jogada nas ruas e uma maneira de introduzir a criança de classe média alta no mundo externo. No caso das famílias mais pobres, as crianças só conseguem ter acesso à escola anos mais tarde, com ajuda de organizações filantrópicas (ZILBERMAN, 2003), que queriam proteger as crianças do emprego e da mão de obra barata.

A revolução industrial, apesar de muitas vezes usar a mão-de-obra das crianças, contribuiu com grandes produções de material literário, fazendo com que sua distribuição fosse mais rápida e fácil, destacando-se, nesse período, a invenção da prensa de Gutemberg, em 1450, abandonando, pois, o modelo dos escribas e copistas que vigorou desde a antiguidade clássica (ABRÃO, 2002, p. 27). Assim, mais pessoas poderiam ter acesso à leitura.

Em decorrência disso, podemos perceber que a literatura em geral tem motivos literários, é arte onde o leitor busca no livro algo lúdico, diversão, e não apenas um manual de coisas a se fazer, mas, com o passar do tempo, no caso das crianças, a literatura vai ser usada para fins pedagógicos. Segundo Zilberman (2003, p. 44):

Por tal razão, se decorre de uma situação histórica particular, vinculado à origem da família burguesa e da infância como "classe" especial, participa desta circunstância não apenas porque provê textos a esta nova faixa, mas porque colabora em sua dominação, ao aliar-se ao ensino e transformar-se em seu instrumento.

E assim surge a literatura infantil com o intuito de proporcionar um *ensinamento* para as crianças por meio de histórias escritas. Surge para ser um meio de alcançar as crianças, de representar as relações sociais presentes na vida, com função de passar conhecimento, adquirir do saber e de explorar a imaginação.

É importante relatar que os primeiros clássicos que fizeram sucesso no mundo e, mais tarde, no Brasil, segundo Zilberman (2003), são os contos de Perrault (1628-1703) e os contos dos Irmãos Grimm (1815). Mencione-se, neste ponto, que muitos outros influenciaram, mas faço referência somente a esses dois por terem sido citados em várias bibliografias que li durante a construção deste trabalho, particularmente porque em França e na Alemanha respectivamente foram responsáveis por registrar e publicar inúmeros contos que nesses países corriam oralmente pela boca do povo.

No Brasil, a história não é muito diferente. Inicialmente, poucas pessoas sabiam ler, apenas aquelas de classe alta possuíam tal habilidade e as histórias eram contadas oralmente: era a literatura oral que predominava nos primeiros séculos de Brasil. As crianças aqui no Brasil também levaram alguns anos para conseguir ganhar um espaço na sociedade e para que a escola fosse criada como ambiente para aprendizagem. As primeiras escolas no Brasil de que temos conhecimento são criadas com o intuito de catequizar os índios, assim as crianças

indígenas eram levadas para a escola, aprendiam a ler, escrever, adquiriam conhecimentos sobre música, agricultura e religião, para que por meio das crianças os padres Jesuítas conseguissem alcançar os adultos indígenas e converter todos à fé católica (SAVIANI, 2010, p. 43).

Porém, o acesso da criança à educação infantil surge apenas séculos mais tarde com a inclusão da creche e da pré-escola no sistema educativo ao inserir, na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, o inciso IV: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988, p. 305). Assim, as crianças com idade para frequentar a educação infantil começam a ter acesso à educação só nessa época, antes disso as creches visavam apenas o cuidado da criança enquanto as mães trabalhavam. Com essa oportunidade de acesso à escola mais cedo, muitas crianças têm então a possibilidade de ampliar seus conhecimentos do ambiente escolar e ter assim uma iniciação ao mundo das letras, por meio de jogos, brincadeiras e momentos lúdicos com os livros. As crianças do ensino fundamental, também, ao entrarem na escola, começam a conviver com os livros e textos escritos com maior frequência, mudando assim a história, pois agora as crianças começam desde cedo a ter acesso e vivência com o mundo das histórias e letras.

Sofremos muitas influências dos europeus em diversas áreas, desde a legislação que foi aplicada no Brasil, como as Ordenações Manuelinas, de origem portuguesa, até ao modo de vestir observado em algumas localidades no início do século XVIII, com a vinda da família real para o Brasil. Na literatura não foi diferente. Vários textos foram traduzidos para alcançar nossa população letrada.

Todos os textos e contos de fadas que foram trazidos para o Brasil foram de grande importância para a construção de uma literatura infantil aqui no país. A maioria das crianças no início só teve acesso a esses textos contados de forma oral, mais tarde é que haverá um investimento para que as crianças sejam levadas às escolas e possam ter autonomia para a leitura e escrita. As crianças que começam a ter acesso à escola de ensino fundamental, têm acesso aos livros e ao texto literários por meio das professoras. Anos mais tarde, com o surgimento da educação infantil, as crianças mais novas também conseguem acesso a essa realidade. Segundo Garcez (2008, p. 40):

Nas duas primeiras décadas do século, a produção brasileira voltada para crianças cresceu, mas tomou um tom altamente pedagógico e doutrinário. Mesmo quando os autores demonstravam um talento para o diálogo com as crianças, não conseguiam escapar da perspectiva educativa e moralizante: formar bons hábitos, bons sentimentos, bons costumes, boas maneiras, boas atitudes em relação aos valores sociais vigentes.

A literatura criada no Brasil teve como precursor Monteiro Lobato, escritor conhecido até hoje pelas histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* e seus personagens, Narizinho, Pedrinho, Tia Anastácia e tantos outros conhecidos pelos brasileiros. É relevante citar que os livros de Lobato são hoje alvo de um polêmico mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal tentando impedir o seu uso em escolas públicas por suposto conteúdo racista. Cademartori (1986, p. 49), em seu livro, nos conta que Monteiro Lobato vem "[r]ompendo com os padrões pré-fixados do gênero, Lobato estabeleceu uma ligação entre a literatura infantil e as questões sociais". Ela afirma isso porque Lobato vem, com seus textos literários, mudar a ideia de textos pedagógicos utilizados para ensinar algo, tendo sempre uma moral, ele inova trazendo a criança para o centro da narrativa, faz dela papel principal das suas histórias tem como foco a cultura brasileira nos seus livros.

Depois dele, muitos outros vieram para acrescentar na literatura infantil. Garcez (2008, p. 43) traz alguns autores e suas obras como:

Érico Veríssimo (Os três porquinhos pobres), Graciliano Ramos (Alexandre e outros heróis), José Lins do Rego (Histórias da velha Totonha); Josué Montello; Orígenes Lessa; Humberto de Campos, Mário Quintana (Pé de Pilão); Cecília Meireles (Ou isto ou aquilo); Clarice Lispector.

Anos mais tarde, com um número muito maior de crianças alfabetizadas, surgem escritores como Ana Maria Machado e Lygia Bonjuga que se dedicam a escrever exclusivamente para crianças (GARCEZ, 2008. p. 44). Podemos citar também Cecília Meireles, que criou a primeira biblioteca infantil para crianças, além de contribuir com suas obras de livros literários infantis.

A autora Ana Maria Machado relata em seu livro algo interessante sobre a população leitora no Brasil:

O percentual de leitores contumazes na população brasileira era muito pequeno e essa situação foi duradoura até muito recentemente. Foi só há 15 anos, no governo Fernando Henrique, que se conseguiu a universalização da matrícula no ensino fundamental: 98% das crianças na escola. Não estou discutido a qualidade do ensino, mas me referindo a número, à quantidade de crianças com acesso à escola. Isso significa que, até a geração dos pais dessas crianças de 15 anos atrás, a maior ou grande parte das famílias brasileiras ainda era analfabeta ou semialfabetizadas. Portanto, grande parte dos professores dessas crianças vinha de famílias que não eram letradas e que não tinham uma experiência de universo leitor.

É interessante, pois, por meio desse relato e reflexão da autora, conseguimos ver que boa parte do Brasil não era alfabetizado e que a nossa tradição é de uma cultura oral, e não de leitores. A relação das pessoas com os livros, tanto das crianças, como dos adultos, é algo recente e que vem crescendo historicamente. Essa mudança na relação com o livro tem se dado com os anos, com a entrada das crianças na escola, com o aumento da população letrada e com a cobrança que a sociedade hoje está começando a fazer por mais livros, mais obras e mais qualidade.

No que diz respeito às crianças de educação infantil, é importante entender que a literatura que foi surgindo a partir do século XVIII e mais tarde no Brasil não buscava alcançá-las diretamente. Essa preocupação e o grande número de livros para essa faixa etária é uma preocupação do mundo moderno, que objetiva, cada vez mais, proporcionar às crianças novas oportunidades diferentes daquelas vividas em séculos passados. Gregorin Filho (2009, p. 43) diz em seu livro que:

[...] da mesma maneira que o termo infância foi histórica e socialmente desenhado no tempo pelos fazeres e saberes da humanidade, a literatura destinada a essa infância também teve de se adaptar a essas metamorfoses na busca de diálogos mais amplos.

Acredito que essa adaptação continua e não deve parar, a busca por diálogos mais amplos e por novidades na literatura infantil é uma necessidade das crianças, pais e escolas de hoje em dia. Tais agentes utilizam o livro literário, não apenas como apoio pedagógico, mas como diversão e arte. É importante pensar que a tecnologia está tão avançada que, se os autores e editoras não se dedicarem a criação e edição de livros literários infantis de qualidade, nossas crianças poderão facilmente trocar um livro por algo tecnológico.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LITERATURA

Neste capítulo, vamos refletir sobre a relação entre a escola de educação infantil e a literatura infantil. O porquê de se utilizar o livro literário na educação infantil, quais os ambientes, estratégias e recursos que podem tornar a vida das crianças na escola mais divertida, lúdica e prazerosa, sem deixar de lado o desenvolvimento cognitivo e aprendizado das crianças. Falaremos também do importante papel do professor enquanto mediador entre as crianças pequenas e os livros.

2.1 POR QUE UTILIZAR O LIVRO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste tópico, tentaremos entender a utilização do livro literário nas classes de educação infantil, tratando também do por que se utiliza esse tipo de material com crianças que ainda não dominam alfabeticamente o código convencional de leitura e escrita.

O contato das crianças em idade tenra com histórias se inicia muitos antes dos pequenos frequentarem a escola, geralmente os pais, avôs e cuidadores estão sempre oralmente contando e inventando narrativas para as crianças. O contato com o livro também já se inicia em casa, mas é na escola que um contato muito maior, com uma quantidade e possibilidades de textos, acontece.

O livro literário possui várias funções e pode ser utilizado para vários meios dentro de uma escola. Na educação infantil, podemos ter o livro como um instrumento que auxilia os professores nos mais diversos temas e atividades que serão trabalhados ao longo do ano letivo. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, com crianças de zero a três anos afirma-se que:

Por muito tempo prevaleceu, nos meios educacionais, a ideia de que o professor teria de planejar, diariamente, novas atividades, não sendo necessário estabelecer uma relação e continuidade entre elas. No entanto, a aprendizagem pressupõe uma combinação entre atividades inéditas e outras que se repetem. Dessa forma, a organização dos conteúdos de Linguagem Oral e Escrita deve se subordinar a critérios que possibilitem, ao mesmo tempo, a continuidade em relação às propostas didáticas e ao trabalho desenvolvido nas diferentes faixas etárias, e a diversidade de situações didáticas em um nível crescente de desafios (BRASIL. 1998, v. III p. 133).

Podemos utilizar o livro literário infantil no início, no meio ou no fim de uma atividade, relacionando os temas, contemplando conteúdos e dando continuidade a determinado assunto. Pode-se também utilizar o livro apenas em um momento de

descanso ou na brincadeira, o importante é que ele faça parte de combinações que atraiam as crianças como uma fonte de prazer onde elas se sintam seguras e interessadas em participar das atividades.

O livro literário é um excelente apoio para se trabalhar a oralidade, a leitura e a escrita com as crianças. Mesmo na educação infantil o livro pode ser um dos vários tipos de texto que vai alcançar as crianças e fazer a sua iniciação no mundo das letras. Brasil (2010, p. 36) nos mostra isso dizendo:

Embora a audição de histórias e a leitura de imagens sejam importantes fatores na formação da criança leitora, é fundamental que ela tenha contato com a leitura de textos escritos, por meio da qual ela fará sua iniciação no mundo da cultura escrita, diferente em muitos aspectos (rímico, lexical, sintático) da cultura oral. Por isso, ouvir a leitura de um texto escrito e ouvir alguém contar uma história sem amparo na escrita são experiências diferentes.

O livro, suas figuras e textos são instrumentos para que os professores trabalhem diversas habilidades com as crianças. Por meio de diferentes experiências, o professor pode trabalhar o tema que desejar, seja ele com fim pedagógico ou não.

Existe também uma preocupação para que o livro literário não seja utilizado nas escolas apenas com fins pedagógicos, devemos pensar nele como um entretenimento, um brinquedo, algo lúdico. As crianças precisam ter contato sem compromissos, sem obrigações. O livro precisa também ser visto como algo atraente, uma fonte de prazer, divertimento e qualquer coisa que a criança desejar que ele seja.

Por meio do livro, se estimulam as emoções e o imaginário da criança, brincamos com a fantasia, viajamos e visitamos lugares inimagináveis. Por meio do livro, tudo é possível. A criança da educação infantil deseja tudo isso, deseja descobrir o mundo e tudo o que for possível. Machado & Rocha (2011, p. 90) nos mostram isso:

Acho que um livro é uma caixinha de surpresas para uma criança. Cada vez que vira uma página, ela encontra uma coisa diferente. O livro desperta curiosidade, vontade de entrar naquele universo de faz de conta, ainda mais se a criança está acostumada a que lhe contem histórias!

2.2 A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR NA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS

Neste tópico falaremos do professor enquanto mediador entre a criança e o livro. A importância desse papel que influencia as experiências e vivências de crianças e professores.

As possibilidades para se trabalhar com os livros literários são muitas. É importante destacarmos que o professor, principal mediador dessa situação, é quem precisa planejar, imaginar e estudar, dedicando-se para uma boa realização de trabalhos com as crianças. Muitas vezes, o próprio professor não tem uma tradição leitora, não sabe como trabalhar com livros ou como desenvolver projetos. Essa questão é preocupante, uma vez que a vivência subjetiva e a aprendizagem experiencial são fundamentais nessa situação. Como motivar crianças em relação a uma prática com leitura que nunca foi realmente vivenciada pelo professor como leitor, que nunca o encantou e envolveu? É importante que ele busque se aprimorar nessa área, seja por meio de cursos, ou de pesquisas, que se questione, que se dê a oportunidade de viver essa aventura.

Sabemos que nem sempre a escola dispõe de recursos ou investe em seus professores, mas, cada um, individualmente, sabe onde pode trabalhar para melhorar sua prática dentro de sala. Ana Maria Machado (Machado & Rocha, 2011, p. 65) sugere que existam "projetos de formação de professor leitor". Alguns projetos assim já existem, mas nem todos conseguem ter acesso. Um professor em formação continuada é sempre um ganho para os alunos, mas, principalmente, para o professor que ganha aprendizado primeiramente para vida dele. Estimular uma criança a ler é algo que depende de "curiosidade e exemplo" segundo Ana Maria Machado (Machado & Rocha, 2011, p. 89). O professor pode ser o mediador que vai dar o exemplo e desenvolver nas crianças que frequentam a educação infantil a curiosidade pelos livros e tudo o que se pode encontrar dentro deles.

O livro proporciona diversas oportunidades para as crianças, ele por si só já encanta, mas o professor, enquanto mediador, precisa também pensar no "clima" que deve ser criado ao contar uma história. A entonação, a expressão facial e a emoção envolvem o ouvinte, o colocam mais perto do mundo da fantasia e da imaginação. Abramovich (1997, p. 11) conta em seu livro uma experiência sua quando ainda criança que relata bem do que falamos: "No jardim da infância que

frequentei, me lembro de poucas histórias contadas... Talvez porque não soubessem criar o clima, talvez porque escolhessem as não marcantes ou envolventes..."

O professor pode fazer o papel de mediador, é ele quem cria o clima, escolhe os livros e faz a leitura, ele precisa deixar lembranças na vida das crianças e o livro pode ser esse instrumento que poderá influenciar na infância e por toda uma vida.

Podemos também, por meio do livro, trabalhar de forma privilegiada a atenção e a escuta das crianças, usando histórias que tenham em seu texto as diversas situações cotidianas que as crianças passam. Brasil (2010, p. 135) confirma:

A leitura pelo professor de textos escritos, em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, seja na sala de aula, no parque, debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc., fornece às crianças um repertório rico em oralidade e em sua relação com a escrita.

Essa escrita que é citada não é apenas a escrita convencional. As crianças, quando estimuladas, brincam de escrever do seu jeito. Sendo essa uma atividade de estímulo para que as crianças mais tarde tenham o prazer de aprender a ler e escrever. O importante é que, desde pequena, ela já consiga entender e visualizar que, de alguma maneira, existe um meio de se expressar, não só pela fala, mas também por meio da escrita. Ruth Rocha (MACHADO & ROCHA, 2011, p. 14) relata em seu livro com a autora Ana Maria Machado que:

Na verdade, penso que a importância de ler ou de ouvir histórias reside no fato de que a criança, o jovem, vai formando um padrão dos acontecimentos, da narrativa. É um padrão em que a narrativa flui, em que a narrativa nos conduz de uma coisa a outra, com começo, meio e fim. Isso penetra muito em nós quando somos crianças e ouvimos histórias. Acredito que é uma das coisas que formam o escritor. Acho muito importante entrar em contato com o universo das histórias, seja ouvindo alguém, que as conta, seja ouvindo alguém que as lê para nós. Porque a leitura de histórias também é fundamental.

A formação do escritor e leitor depende muito da relação que se tem com o livro ainda na infância, como Machado disse, ao escutar histórias mentalmente, as crianças vão entendendo como funciona uma narrativa, encontram possibilidades para resolução de um problema por meio das histórias e dos personagens e também por meio das histórias as crianças poderão sentir emoções, como medo, alegria, tristeza, tranquilidade e tudo aquilo que a narrativa provocar. Garcez (2008, p. 36) também nos diz isso em seu livro:

A leitura frequente de textos literários é muito importante na formação de uma pessoa, porque a obra de arte oferece interpretações do mundo que estimulam a reflexão e o conhecimento. As narrativas tradicionais e os contos de fadas, por exemplo, tratam das questões fundamentais da

existência humana: medo, amor, perda, ciúme, poder, dever, inveja, submissão...

O manuseio dos livros literários também é importante para a relação da criança com o livro. Ao ter contato com as mãos, a criança pode, por meio do tato, descobrir os livros, sentir suas folhas, compreender que não podemos rasgá-los, que devemos ter cuidado quando vamos passar as páginas, que, em cada folha, tem letras, ilustrações e cores.

Nesse contato, a criança vai aprendendo a lidar cuidadosamente com o livro, já que é um objeto de uso coletivo e deve ser duradouro. Você pode insistir nesses cuidados e estabelecer, em conjunto com as crianças, certas normas, como: manter as mãos limpas; buscar a delicadeza ao passar as páginas; evitar o risco de sujá-lo acidentalmente [...] guardar em lugar adequado, não dobrar as páginas, não escrever no livro...

As crianças precisam aprender esses cuidados, desde pequenas, que podem usar o livro livremente, mas que precisam mantê-lo inteiro para que possa ser utilizado diversas vezes. Outra utilidade do livro é que, com a quantidade de títulos de livros literários que são oferecidos para as crianças, elas podem descobrir tamanhos, formas e texturas em apenas um exemplar.

2.3 POSSIBILIDADES TEMÁTICAS INFINITAS

Neste tópico falaremos sobre as possibilidades de temas que podem ser explorados por meio dos livros e das situações relacionadas a ele na escola de educação infantil.

O livro infantil também nos permite e sugere trabalhar temas infinitos com as crianças. Esses temas muitas vezes não vão ser úteis no momento, mas, em uma situação qualquer, a criança pode lembrar-se da história e usar o conhecimento adquirido na situação. Quanto mais ricos forem os temas dos livros, mais possibilidades de conhecer coisas novas, que ainda não vivenciaram e que talvez nunca viessem a conhecer as crianças terão. No livro das autoras Machado & Rocha (2011, p. 39), a autora Ruth defende essa ideia:

É muito importante que a literatura dada para essas crianças pequenas seja bem rica - no sentido de fazer referência a muitas coisas, de sair dos assuntos mais comuns, mais piegas e mais óbvios para assuntos diferentes, ou que explorem aspectos inusitados do trivial.

Todo e qualquer conhecimento que for passado para criança é útil de alguma forma. Como a autora colocou, é interessante que se usem todos os tipos de assuntos. O professor no momento da leitura não pode saber ou imaginar, mas as

crianças que estão escutando a história estarão enriquecendo seu conhecimento e criando, com base no que escutaram, recursos para sua vida. Vivenciado situações assim, a criança pode também estar sendo estimulada para ser um agente modificador, fazendo uso das situações vivenciadas com o livro um exemplo para o seu ambiente social. O que as crianças aprendem e vivenciam por meio de histórias pode ser pensado como uma bagagem que elas levarão pelo resto da vida. Bagagem, essa, que terá histórias, personagens, imagens e experiências.

Devemos pensar no livro também quando ele é trabalhado como um apoio pedagógico para o desenvolvimento de projetos. Ao usarmos livros para desenvolver atividades da escola, podemos discutir temas internos e externos das crianças, trabalhar valores, liberdade de pensamentos, tolerância e diferenças. Ao desenvolver projetos, os professores podem, em forma de lazer, utilizar o livro para alcançar as crianças. Cunha (1994, p. 47) sugere que: "[s]eria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer - aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais conscientes e produtivo. A literatura teria papel relevante nesse aspecto".

2.4 A CONVERSA COM AS CRIANÇAS

Neste último tópico faremos uma pequena reflexão sobre mais uma possibilidade de ação após a leitura de livros literários. Essa possibilidade que em alguns momentos pode parecer perda de tempo pode também proporcionar atividades mais agradáveis e envolventes. Por meio do diálogo os professores podem ir muito além com seus alunos.

É relevante pensar nas conversas informais que podemos ter com as crianças após a leitura do livro literário. Brandão & Rosa (2010, p. 34) dizem que:

Nesse contexto, defendemos a importância da conversa que pode se estabelecer a partir das histórias lidas, fomentando nas crianças uma atitude de busca e construção de sentido na sua interação com textos escritos.

A troca de ideias entre as crianças e os professores após a leitura de um livro pode ser de grande riqueza para a construção do entendimento das crianças, um espaço para que os professores também entendam um pouco mais dos seus alunos e percebam quais as necessidades ou vontade deles para trabalhar novos assuntos. Podemos pensar também que uma conversa após a leitura pode aproximar mais as crianças e professores.

Podemos concluir então que, quando algumas das crianças que frequentam a educação infantil vivem em contato com o livro literário, são mobilizadas em vários aspectos que envolvem corpo, mente, memórias, sentido, linguagem e sua própria história de vida. A educação infantil e os livros podem ser um meio de proporcionar às crianças uma *leitura de mundo*, aquela que “antecede a leitura da escrita e nela se completa” (FREIRE, 1989, p. 7). Essa relação com os livros aproxima também as crianças da relação com o mundo das letras, familiarizando e possibilitando que, de maneira lúdica, ela comece esse relacionamento que mais tarde a fará uma leitora e escritora.

3 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E RECURSOS MATERIAIS NO TRABALHO PEDAGÓGICO COM LITERATURA INFANTIL

Neste terceiro capítulo iremos refletir sobre algumas possibilidades de trabalhos que podem ser desenvolvidos nas salas de aula da educação infantil, considerando os recursos disponíveis, assim como os espaços e ambientes utilizados.

3.1 AMBIENTES, ESPAÇOS E RECURSOS

As escolas recebem livros em geral, seja de editoras, programas sociais ou doações. Em outros casos, os pais enviam junto com a lista de material que é pedido no início do ano e também, espera-se, que a própria escola tenha seu acervo ou que cada professora tenha livros que foi adquirindo ao longo da sua vida profissional e pessoal.

Podemos também chamar e dispor de recurso materiais, coisas que usamos para complementar o livro, para dar continuidade ao estudo de determinado assunto ou apenas para deixar o momento mais envolvente e divertido. Imaginemos que são eles a música, vídeos, brincadeiras, desenhos e as próprias construções em relação ao livro que as crianças fazem, como um desenho ou trabalho de artes em geral. Os desenhos que são feitos após a leitura de um livro são um recurso para que a criança solte suas ideias que teve durante a história e as represente no papel. Outros recursos, como brinquedos, fantoches e fantasias, podem tornar a brincadeira antes, durante e depois mais divertida. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL. 1998, v. I, p. 69-71):

Recursos materiais entendidos como mobiliário, espelhos, brinquedos, livros, lápis, papéis, tintas, pincéis, tesouras, cola, massa de modelar, argila, jogos os mais diversos, blocos para construções, material de sucata, roupas e panos para brincar etc. devem ter presença obrigatória nas instituições de educação infantil de forma cuidadosamente planejada.

Os materiais constituem um instrumento importante para o desenvolvimento da tarefa educativa, uma vez que são um meio que auxilia a ação das crianças. Se de um lado, possuem qualidades físicas que permitem a construção de um conhecimento mais direto e baseado na experiência imediata, por outro lado, possuem qualidades outras que serão conhecidas apenas pela intervenção dos adultos ou de parceiros mais experientes. As crianças exploram os objetos, conhecem suas propriedades e funções e, além disso, transformam-nos nas suas brincadeiras, atribuindo-lhes novos significados.

Todos esses materiais sugeridos serão significativos para o aprendizado das crianças, enriquecendo o trabalho da professora e as brincadeiras.

O professor pode também trabalhar com temas e, por meio dele selecionar, alguns livros e desenvolver o trabalho. Pode complementar a atividade com músicas que tenham alguma relação e até mesmo jogos e brincadeiras.

Outra sugestão que encontramos e que pode ser de grande riqueza para as crianças é, segundo Britto (2005, p. 18):

Na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a educadora se põe na função de enunciadora ou de escriba) é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos. Ao ler com os ouvidos a criança não apenas se experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado, como vai compreendendo as modulações de voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas.

O contato da criança com o livro é importante em todos os sentidos da nossa língua, tanto ela escrita, quando sua sonoridade pode ser trabalhada pelo professor, por meio de portadores de texto (cartazes) onde o professor possa, por exemplo, escrever os personagens que as crianças preferiram na história, escrever o reconto da história feito pelas próprias crianças e toda outra qualquer escrita que o professor quiser desenvolver após a leitura dos livros. O importante é que a criança, como sugeriu Britto (idem), tenha contato com a leitura e escrita por meio dos ouvidos, boca e a professora como escritora de suas falas e sugestões.

Podemos também pensar em um cantinho da sala de aula para a leitura. Ao longo dos dias, em uma rotina onde o professora convida seus alunos a participarem de um momento de leitura em um determinado lugar da sala de aula, eles assim se habituem e começam por eles mesmos a frequentar esse local, podendo em momentos livres brincar com os demais colegas de contação de histórias. Assim, o cantinho da história na sala vira também um local para brincadeira com os livros. Brandão & Rosa (2010, p. 68) sugerem isso em seu livro:

[...] as brincadeiras de ler também podem ser incentivadas pelos profissionais de Educação Infantil por meio da construção de um espaço na sala de aula reservado para leitura e o manuseio de livros, o "cantinho de leitura". Nesse espaço devem estar presentes livros de literatura infantil (de papel, de tecido, de plástico) e outros suportes de escrita, como gibis e jornais, além de colchonetes e almofadas, que podem criar um ambiente aconchegante e agradável para a leitura. Na "hora da leitura", as crianças podem ser incentivadas a "brincar de ler em voz alta" histórias que tenham sido lidas pela professora, fazendo de conta que estão "lendo de verdade", ou mesmo brincar de ler histórias que ainda não foram lidas, apoiando-se nas ilustrações.

É muito importante que as crianças tenham contato com todos esses tipos de material, uma vez que por meio dos sentidos como tato, visão, e audição e também de suas vivências, elas vão descobrindo as possibilidades com os livros e inventando suas próprias brincadeiras com eles.

As rodas de história também são bastante utilizadas na educação infantil, situação importante que, em geral, as crianças gostam, pois participam de um momento lúdico, onde estão mais próximos e em contato com um adulto que está direcionando a situação. Nas rodas, todos podem trocar ideias, mesmo que escondido do professor comentando com o colega que está ao seu lado, podem ver mais de perto os materiais utilizados pelas professoras e usufruem de um momento coletivo. Brandão & Rosa (2010, p. 39) falam sobre a importância das rodas de histórias:

[...] mais que uma experiência eminente subjetiva entre um leitor e um texto, essa é uma atividade que envolve pelo menos um adulto que lê e conta histórias e um grupo de crianças que são convidadas a se inserirem num movimento coletivo ao se colocarem na posição de ouvintes e interlocutores.

Os livros literários auxiliam em diversas atividades, uma delas pode ser também a dramatização de histórias, que, segundo Nascimento (2011, p. 33):

[...] feita pelos alunos também se refere a uma atividade lúdica de grande atrativo, os envolve sua na trama e os transporta para o universo mágico. Configura-se como atividade que é fruto de uma solicitação inspirada por uma história. Eles assumem papéis, se caracterizam de acordo com os personagens, podem decorar falas ou recitá-las de acordo com a memória, criar cenário e revelar aptidões pela atmosfera de ludicidade e respeito às diferenças individuais.

Trabalhar com o imaginário das crianças e deixá-los livres para criar é algo muito importante na educação infantil. O professor deve ficar atento para mediar a brincadeira quando necessário, dando suporte e auxílio às crianças.

Como vimos, existem diversos ambientes, estratégias e recursos que possibilitam um trabalho com as crianças da educação infantil e o livro literário. Muitas dessas situações podem ser criadas pelos professores. Aqui consegui exemplificar e citar apenas algumas.

Sabemos que, no dia-a-dia, dentro de uma sala de aula, muitos imprevistos acontecem, as crianças nos colocam em situações diversas e nos pedem coisas novas. O professor, como instrutor e mediador das crianças, deve se preparar e buscar meios para atender as necessidades das crianças, inovando e fazendo da educação infantil um espaço de aprendizado lúdico.

4 METODOLOGIA

Esse capítulo descreve o tipo de pesquisa, o contexto em que ela aconteceu e os instrumentos utilizados para a produção de dados. Essas escolhas me permitiram alcançar os objetivos traçados no início do trabalho.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Pensando em uma pesquisa em que a observação e mediação são os principais instrumentos de produção de dados, a pesquisa qualitativa é a que melhor se encaixa. Segundo Ludke e André (1986, p. 11-13.) existem cinco características básicas que configuram esse tipo de pesquisa, são elas:

1. A pesquisa qualitativa tendo o ambiente natural, como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.[...]
2. Os dados são predominantemente descritivos.[...]
3. A preocupação com o processo é muito maior que com o produto.[...]
4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.[...]
5. A análise aos dados tende a seguir um processo indutivo.

Assim posso entender que a abordagem qualitativa permite uma aproximação maior entre o pesquisador e sua fonte, possibilitando informações mais detalhadas a partir do contato direto, das observações e da vivência. Os instrumentos utilizados para coletar os dados podem ser variados, ajudando nas observações posteriores onde se poderá refletir cada acontecimento com o olhar de antes, durante e depois do trabalho realizado e sobre mais de um tipo de material. A preocupação do que acontece durante a pesquisa está fixada no processo, cada momento será importante em algum detalhe e não somente o resultado final. Podemos perceber e identificar a perspectiva e quais os significados que o participante dá para determinada situação vivida, considerando assim vários pontos de vista. Entendo que na análise de dados os meus questionamentos provavelmente estarão respondidos de maneira concreta ao observar todo o caminho percorrido.

Nesse entendimento de que o pesquisador tem uma relação mais estreita com sua fonte, preciso entender que é essencial ao pesquisador a reflexão sobre suas ações. Segundo Perrenoud (2002, p. 36) o professor:

reflete sobre o que aconteceu, sobre o que fez ou tentou fazer, sobre os resultados de sua ação. Além disso, ele reflete para saber continuar, retomar, enfrentar um problema, atender a um pedido. Com frequência, a reflexão longe do calor da ação é, simultaneamente, retrospectiva e prospectiva, ligando o passado e o futuro, sobretudo quando o profissional

está imerso em uma atividade que exige dias e mesmo semanas para ser concluída como um procedimento de projeto.

O pesquisador necessita refletir. Essa reflexão é necessária para que a continuação do seu trabalho seja feita de maneira que ele saiba agir quando as diversas situações vierem a acontecer. Para que ele mude de caminho quando refletir e perceber que não está indo para o lado desejado e para que ele continue fazendo aquilo que percebeu dar certo. Tomar decisões em meio a uma ação prática não é fácil, mas refletir para decidir o que fazer pode ser mais eficaz.

Outra ação importante do pesquisar é ter uma *escuta sensível*, que segundo Barbier (2007, p. 94):

[...] apóia-se na empátia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para "compreender do interior" as atitudes e os comportamentos, o sistema de idéias, de valores, de símbolos e de mitos (ou a "existencialidade interna", na minha linguagem).

Ao apoiar-se na escuta sensível o pesquisador reconhece e aceita o outro do jeito que ele é e do jeito que se expõe, sem julgamentos. Em outras palavras, para Cerqueira (2011, p. 22), a escuta sensível é: "captar o que não foi dito, mas que pôde ser compreendido, percebido através da sensibilidade do ouvinte". O pesquisador necessita ter essa sensibilidade para uma melhor ação e realização da sua pesquisa.

Os instrumentos para a realização da minha pesquisa foram: observação, registrada por meio de diário de bordo, máquina fotográfica e gravações, e ainda oficinas, onde exercitei a escuta sensível.

Observei quais eram os assuntos relevantes a serem trabalhados com as crianças, conforme as necessidades que eles me colocavam durante as aulas. Observei também quais assuntos geravam interesse por parte dos estudantes, com isso planejei as oficinas, contemplando o desejo e interesse das crianças. O diário de bordo me apoiou nas reflexões e memórias que eu busquei para escrever como foram realizadas as oficinas: registrei nele os detalhes da ação pedagógica, fala das crianças e tudo aquilo que me chamou a atenção durante a realização do trabalho. A escuta sensível me possibilitou a tentativa de aceitar e compreender o que as crianças me diziam sem julgamentos ou comparações, entendendo que todos estavam contribuindo da sua maneira para aquele momento de aprendizagem.

4.2 CONTEXTO DA ESCOLA

A escola escolhida é situada em um bairro nobre de Brasília. Trata-se de uma escola particular de grande porte. Atende a alunos de classe média e alta, oferecendo três modalidades de ensino, educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A escola em geral possui mais de trezentos funcionários e uma média de três mil alunos.

Na educação infantil as crianças de dois a cinco anos são atendidas por turmas que variam de 12 a, no máximo, 20 alunos, sendo uma professora regente e uma professora auxiliar por turma.

4.2.1 Espaço Físico

A escola possui uma estrutura física privilegiada com três parques grandes, uma casinha de boneca, um tanque de areia, dois chuveirinhos de parque aquático, uma piscina e uma área verde onde as crianças podem correr livremente ou jogar bola. Todas as salas de aula possuem pia, armários, televisão, brinquedos e jogos diversos, quadro, ventiladores, cadeiras e mesas, de acordo com a idade que a sala atende. Existem banheiros diferenciados para meninos e meninas com vasos, mictórios e pias adaptados ao tamanho das crianças. No espaço geral da escola existem ainda um pátio grande, os dois prédios em que funcionam o ensino fundamental e o ensino médio, uma lanchonete, duas quadras grandes, uma piscina olímpica dois laboratórios e uma biblioteca. Na biblioteca trabalham duas profissionais que estão sempre à disposição para ajudar. O acervo da biblioteca é grande, possui uma variedade grande de livros infantis. E o interessante é que existe um tapete colorido com almofadas onde as crianças podem ficar a vontade para ler e folhear os materiais ao alcance dele. Algumas prateleiras são mais baixas, o que facilita a observação e escolha das crianças. Durante o ano é possível marcar horários para que as professoras da biblioteca contem alguma história para as crianças. Não acontece com frequência mas existe essa possibilidade.

4.2.2 Equipe Pedagógica

Além das professoras regentes, a escola também conta com cinco professoras especiais com quem as crianças participam de aulas de música, expressão corporal, literatura infantil, a partir dos quatro anos, informática e aos

cinco anos inglês. As professoras são especializadas em suas áreas de atuação, o que torna o trabalho com as crianças mais rico. Durante a semana as crianças passam cinquenta minutos nessas aulas enquanto a professora regente fica em planejamento ou em atendimento aos pais. A educação infantil é gerenciada por uma coordenadora e uma orientadora educacional. A escola investe em seus professores oferecendo cursos e palestras com profissionais especializados de diversas áreas da educação.

4.2.3 Espaços para a Literatura Infantil

Nas aulas de literatura infantil a professora especializada trabalha com os temas mais comemorativos como carnaval, dia do índio, dia do circo, dia das mães, folclore e outros. A ideia é que ela sempre conte as histórias de um jeito diferente, usando fantoches, fantasias e outros materiais diversos, mas isso nem sempre acontece. A sala de literatura é cheia de livros infantis, existe um armário em todas as paredes da sala com vários livros infantis, a altura dos armários permite que as crianças tenham acesso, mas poucas vezes eles podem manusear, a professora teme que eles rasguem todos os livros. A sala possui ainda um varal com várias fantasias, um espelho e uma televisão grande, onde as crianças podem assistir a diversos vídeos. A sala de literatura é um espaço rico com muitos materiais interessantes para as crianças, mas o que percebo ao longo desses anos é que ele é pouco explorado.

Nas salas de aula cada turma possui um acervo de livros que as crianças trazem no primeiro dia de aula. No maternal II cada criança traz três livros que são sugeridos na lista de material. Um ponto negativo disso é que alguns acabam se repetindo e o acervo da sala, que já é pequeno, fica ainda menor. Mas esses livros auxiliam as professoras em várias atividades. No planejamento consta atividade como contar a história e deixar que as crianças folheiem os livros, explicando o cuidado que se deve ter para não rasgar ou amassar. Algumas histórias viram complemento para o tema do planejamento e em alguns momentos se faz a hora do conto, em que cada professora, à sua maneira, conta alguma história do acervo que possui em sala. Não conheço nem nunca presenciei alguma criança que não se interesse por essa hora, mesmo quando o livro aparenta não ter uma história boa ou

a pessoa que está contando não dá emoção ao momento, ainda assim as crianças dão alguma atenção especial, acreditando que algo interessante vai acontecer.

Por achar esse momento tão mágico percebi que eu precisava ter em minha rotina. E por isso a pesquisa tem como foco identificar e implementar práticas pedagógicas por meio de livros literários que contribuam para o desenvolvimento da criança no contexto da educação infantil.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A turma escolhida para desenvolver as oficinas foi a minha, maternal II, com dez alunos, cinco meninos e cinco meninas e com idade de três anos. A turma é nova na escola, seis nunca tiveram contato com o ambiente escolar, os demais já estudaram em creches.

A escolha pelo colégio e turma se deu pelo fácil acesso, disponibilidade para realização das observações e oficinas e pelo número reduzido de alunos na turma. Esse número menor de crianças me possibilita uma sensibilidade maior para perceber os detalhes, escutar, observar e realizar as oficinas com mais cuidado.

Ser a professora da turma me coloca diante de um desafio ainda maior, a de pesquisador e professor reflexivo sobre sua prática. E como explica Perrenoud, (2002, p. 34) "[u]ma importante parcela da reflexão na ação induz-nos a decidir apenas se devemos agir de forma imediata ou postergar a ação para que possamos refletir mais tranquilamente". Entender que preciso saber os momentos certos de intervir, precisando refletir sobre minhas ações antes, durante e depois das ações praticadas em sala de aula.

As oficinas foram realizadas no horário das aulas que acontecem no turno vespertino. Os temas geradores surgiram a partir das observações sobre a rotina, em conversas com as crianças na rodinha realizadas diariamente, em situações de conflitos, dúvidas e curiosidades que cercam as crianças pequenas diariamente.

4.4 OFICINAS

O principal objetivo dessas oficinas foi desenvolver atividades que possibilitassem, de maneira lúdica e criativa, um encontro entre as crianças e os livros literários. Ao longo das oficinas utilizei o diário de bordo, máquina fotográfica e

gravações para registrar os momentos e assim coletar os dados. As oficinas foram organizadas, considerando os temas e objetivos a seguir expostos.

4.4.1 Oficina 1

Tema: Minha família

Objetivo geral: Estimular a compreensão da estrutura e relações familiares

Objetivos específicos:

- Contar uma história literária sobre a família;
- Abordar de maneira lúdica as várias composições de famílias contidas no livro;
- Proporcionar um ambiente de livre expressão;
- Estimular a criação individual por meio de desenhos da família.
- Promover a socialização de experiências e vivências das crianças no contexto familiar.

Atividades

- Contação da história “O livro da família” do autor Todd Parr, abaixo:

Foto 1 – Capa da obra *O Livro da Família*, de Todd Parr



- Diálogo na rodinha sobre a percepção de cada criança, suas impressões e comentários.
- Questionamentos e escuta de cada criança acerca de sua família.
- Produção artística individual acerca da família.

- Socialização das fotos de cada família. Cada criança apresentara seus familiares e fará os comentários que desejar.

Materiais

- Livro da família
- Folhas coloridas
- Canetinhas
- Fotos

4.4.2 Oficina 2

Tema: Qual a história do meu nome?

Objetivo geral: Trabalhar a importância dos nomes por meio do livro literário.

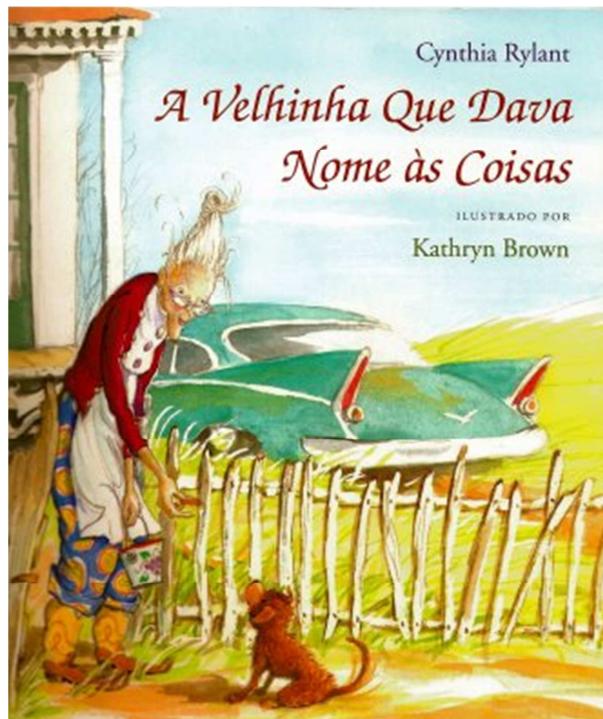
Objetivos específicos:

- Abordar a importância dos nomes após a leitura da história
- Identificação dos nomes por meio das fichas
- Proporcionar uma interação entre a escola e a família
- Trabalhar e socializar a história do nome de cada criança

Atividades

- Contação da história “A velhinha que dava nome às coisas” da autora Cynthia Rylant e ilustradora Kathryn Brown, abaixo:

Foto 2 – Capa da obra *A velhinha que dava nome às coisas*, de Cynthia Rylant



- Observação das fichas dos nomes, letras e sonoridades.
- Diálogo na rodinha sobre as percepções e observações das crianças.
- Questionamentos sobre o nome de cada criança, contar na rodinha a história do seu nome e pedir que cada criança converse com seus pais sobre a história do seu nome.
 - Entregar para cada um uma folha, eles levarão para casa e os pais poderão contar a história no nome dos seus filhos.
 - No outro dia deixar que cada um conte sua história e auxiliar com o registro escrito as crianças que estiverem com dificuldade.
 - Atividade artística: desenho livre sobre o tema trabalhado, após o desenho pedir que cada criança escreva seu nome do seu jeito.

Materiais

Livro literário “A velhinha que dava nome às coisas”

- Folhas para registro
- Fichas dos nomes
- Folhas
- Giz de cera

4.4.3 Oficina 3

Tema: Cuidados com o mundo

Objetivo geral: Trabalhar atitudes de conscientização

Objetivos específicos:

- Proporcionar ambiente de livre expressão para que as crianças façam seus comentários sobre o tema
 - Estimular as crianças a se tornarem contadoras da história
 - Identificar atitudes de cuidado para com o lugar em que vivemos
 - Proporcionar um entendimento sobre reciclagem e reutilização
 - Abordar a importância do trabalho em grupo

Atividades:

- Contação da história “O livro do planeta terra” do autor Todd Parr, a seguir:

Foto 3 – Capa da obra *O Livro do Planeta Terra*, de Todd Parr



- Propor que as crianças em dias e momentos diferentes sejam os contadores da história, do seu jeito
- Conversa sobre atitudes que cada criança tem para cuidar do mundo
- desenhos livres e direcionados
- Confecção de livro individual

Materiais:

- Jornais
- tinta guache
- cola
- canetinha
- giz de cera
- tesoura

5 REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM LIVROS LITERÁRIOS

Descrevo, nesse capítulo, os registros que fiz durante as oficinas, utilizando o diário de bordo, fotos, lembranças, observações e escuta sensível.

5.1 CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DAS OFICINAS

As oficinas ocorreram no horário das aulas que são ministradas no turno vespertino. O espaço utilizado para as duas primeiras oficinas foi a própria sala de aula. Nessa sala temos um cantinho com um tapete azul onde realizamos a rodinha, conversas informais, algumas atividades em grupo, brincadeiras e leitura de histórias. A escolha desse local se deu por já fazer parte da rotina escolar e ser um ambiente onde as crianças já sabem que, se convidado para ir ao tapete, é porque teremos novidades. Na terceira oficina o local escolhido para o momento da contação da história foi a grama da escola, um local grande com alguns tipos de plantas e árvores. Essa escolha aconteceu depois que observei e percebi em alguns momentos a sombra, o vento, o silêncio e o contato com a natureza desse espaço poderiam proporcionar às crianças um momento único de contemplação e relação entre a história que seria contada e a realidade.

Participaram das oficinas dez crianças, estudantes do maternal dois, com três e quatro anos, a maioria já fez quatro anos nesse segundo semestre de 2012. Os temas das oficinas surgiram da necessidade de se trabalhar assuntos do cotidiano, algumas diferenças em relação à estrutura familiar, cuidados com a natureza e os nomes, algo tão importante para contribuir com o avanço e desenvolvimento na aprendizagem e construção da identidade dos alunos e da sua relação com o mundo.

5.2 1ª OFICINA: MINHA FAMÍLIA

A primeira oficina aconteceu logo no início das aulas, que ocorrem no turno vespertino das 14 às 18 horas. As crianças chegaram e fizeram tudo o que estão acostumadas a fazer, “estacionar” a mochila, pegar agenda, garrafa e sentar na rodinha. Nesse dia o aluno Marcos logo perguntou sobre a história especial que eu havia prometido no dia anterior, apesar de diariamente termos a “hora do conto”,

momento em que eu escolho algum livro do acervo da sala e conto para eles. As palavras “história especial” parecem ter despertado alguma curiosidade nas crianças. Logo depois que o primeiro aluno perguntou, os outros começaram a questionar o momento que eu iria começar, se já tinham chegado todas as crianças para que eu pudesse contar logo a história, ou se ia ser somente no fim da aula e se a Carla (aluna que sai quase todos os dias mais cedo) iria perder o momento da tal “história especial”. Sugerir que cantássemos algumas músicas até que todos os colegas chegassem para então começarmos a história. É bonito perceber que os colegas se importaram com a presença da Carla na hora da história, eles queriam que no momento da atividade especial todos estivessem juntos, queriam que a história surpresa fosse compartilhada com todos e pareciam bem ansiosos por isso.

Quando todos chegaram retirei da mochila um livro bem colorido, O livro da família, perguntei o que todos acharam e logo comentaram das cores e desenhos, falei o nome do autor e comecei a contar a história. Ao longo da leitura eles comentaram e sorriram bastante com as figuras e o texto que eu estava lendo.

É interessante contar que em algumas partes da história eu contei com minhas palavras ao invés de ler. O motivo de privilegiar a narrativa oral com base na escrita foi uma tentativa de adequar a linguagem e o conteúdo do livro com a realidade das crianças. O livro em algumas páginas possui termos de difícil compreensão, palavras que os alunos ainda não conhecem ou com o texto muito longo para crianças de 3 e 4 anos. Fiz então algumas modificações na hora da leitura, expliquei novas palavras para que eles tivessem naquele momento uma oportunidade para ampliar seu vocabulário e quanto aos desenhos do livro deixei que a imaginação deles fluísse. Como trazem as autoras Machado & Rocha (2011, p. 46) “[...] precisamos saber que estamos falando com as crianças. Precisamos ter consciência de que nosso interlocutor não é um adulto”. Como exemplo de palavras que expliquei podemos citar madrasta, padrasto e irmão ou irmã postiço. Na parte dos desenhos o autor utiliza algumas famílias de animais para ilustrar a situação, algumas crianças pareciam não relacionar as famílias de humanos e por isso precisei então dar exemplos com minha família ou com as famílias dos próprios alunos para que ficasse mais clara a interpretação. Mas só fiz essa intervenção no final da história, já no momento da conversa para que eles durante a história ficassem livres para imaginar e compreender da maneira deles. Na situação dos irmãos postiços os alunos Marcos e Antonio que são gêmeos logo contaram a

história do seu irmão Bruno que não nasceu da barriga da mãe deles, mas é filho do mesmo papai.

Uma parte que chamou atenção foi a de características físicas, onde o autor fala de atributos que os familiares possuem em comum, as crianças logo participaram espontaneamente verbalizando seus conhecimentos, experiências e tentaram associar com algo que elas tinham que era parecido com alguém da sua família. Bárbara falou da sua pintinha que é igual a da avó mãe da mamãe, José falou do seu barrigão parecido com o do pai, Maria Beatriz falou dos seus cachinhos parecidos com os da sua tia pirua que comprava pulseiras, colares e batons para ela e o estudante Antonio falou que ele era forte como o pai.

Após o fim da história deixei que todos falassem, perguntei a parte que mais gostaram e a conversa foi fluindo, aos poucos cada um foi falando como sua família era composta: alguns citaram primos, avós que nunca conheceram, mas já escutaram seus pais contando histórias sobre eles; falaram também sobre as babás que são quase suas mães ou consideradas parte da família. Fui relembando com eles cada momento da história e algumas possibilidades de composição familiar como pai, mãe e filhos, ou avós e filhos, somente mãe ou somente pai e também aquelas com duas mães e dois pais. Algumas crianças se identificaram com as famílias das histórias e logo se empolgavam para contar como era na sua casa. Como por exemplo, Luiza que só conhece o pai por nome, e contou que mora só com a mãe, Lucas contou que sua família é a mamãe o papai e a vovó porque o vovô viajou com as estrelinhas e José disse que sua família era composta por seu pai, mãe e irmão. Esse momento foi importante, pois as crianças conseguiram se encontrar na história, encontrar sua família e perceber as diferenças entre a sua e as dos colegas.

Quando terminamos esse momento, estimei que cada aluno folheasse o livro ao seu tempo. Parreiras (2009, p. 34) diz:

Quando a criança ainda não lê o texto, ela pode (e deve) manusear os livros, mesmo que desordenadamente, pular páginas, ou "ler" de cabeça para baixo. Todas essas experiências fazem parte do processo de descoberta do que é o livro.

Sugeri também que dois dias depois cada criança trouxesse uma foto da família. Todas as crianças concordaram e marcamos então no nosso calendário da sala. E me comprometi assim a colocar um bilhete na agenda de cada um para que os responsáveis providenciassem a foto.

Como combinado, dois dias depois todas as crianças estavam sentadas novamente na rodinha com sua foto. Esse momento foi marcado com grande alegria, todos queriam mostrar e falar ao mesmo tempo. Como a agitação foi grande combinamos de fazer um sorteio para que a ordem da apresentação fosse escolhida e assim de um por um cada criança levantou, mostrou sua foto, fez seus comentários e contou suas histórias. Alguns ficaram com vergonhas, mas ao longo da atividade foram se soltando e acabaram participando de forma natural e tranquila. Luiza levou uma foto de quando ainda era bebê, na foto ela estava com o avô materno e a mãe, as crianças logo falaram que o pai dela era velhinho, ela então explicou que era o seu vovô e que seu pai mora muito longe. Marcos e Antonio que são gêmeos levaram fotos diferentes e nas duas seu irmão que não nasceu da barriga da mamãe estava presente, eles apresentaram todos os que estavam na foto, Maria Eduarda perguntou de onde o irmão deles tinha nascido já que não era da barriga da mesma mamãe, Marcos explicou que era da barriga de outra mamãe, mas que ela não morava mais aqui.

Depois da atividade com fotos convidei as crianças para fazer um desenho da família, foi um momento lindo. A estudante Carla trouxe para escola uma foto dela com a mãe, mas na hora do desenho falou que seu pai também era família, que iria colocar ele no desenho e que quando encontrasse com ele iria pedir uma foto e mostrar para todos os amigos, Maria Beatriz desenhou seu pai, seu irmão e a tia que tem cabelo igual ao dela, Luiza quis desenhar apenas ela e a mãe e o Paulo desenhou seu pai, sua mãe e seu cachorro Hércules. Achei interessante porque Paulo sempre fala do seu amigão, um cachorro grande, peludo e fedido que ele tem em casa, mas um dia conversando com sua mãe ela disse que o cachorro é muito grande e que o Paulo morre de medo dele, quando o cachorro vai andando em sua direção ele sempre corre achando que pode levar uma mordida.

Como era um desenho especial sobre a família, coleí a foto junto com o desenho. A atividade ficou tão bonita que a aluna Bárbara disse que queria levar para casa, expliquei que na reunião de pais eu entregaria, e logo o estudante José sugeriu que eu colocasse a foto e desenho no mural. Perguntei se todos concordavam e assim fizemos.

"Nessa brincadeira de imagens que se sucedem, o leitor descobrirá outras pessoas, outros objetos e outros sentimentos que entrarão para seu mundo". Parreiras (2009, p. 35) Assim como Parreiras consegui perceber que nessa atividade

cheia de informações novas cada estudante contribuiu com sua história e experiência, todos participaram e receberam benefícios nessa atividade, conheceram famílias diferentes, apreciaram as famílias dos seus colegas conhecendo um pouco mais de suas histórias e compartilharam experiências.

Como professora, percebi muito nessa atividade, ficar atenta aos detalhes e buscar aproveitar todas as oportunidades que eles me colocavam. Buscar ter um olhar observador e uma escuta sensível (BARBIER, 2007) aos movimentos que aconteceram durante a atividade nem sempre é fácil, muita coisa passa despercebido, mas tentei ao meu máximo explorar os acontecimentos que poderiam contribuir para o aprendizado e crescimento das crianças. Ao longo da atividade procuro consultar as crianças para saber o que eles gostariam de fazer, como e onde. Busco fazer isso em todas as situações em que a decisão deles não coloque em risco suas vidas ou alguns momentos da rotina que não podem ser excluídos ou mudados por regras da escola. Percebo que quando deixo eles darem opiniões e acato uma delas, as atividades fluem de maneira mais natural, eles participam com mais entusiasmo e se dedicam mais.

A relação entre o conteúdo do livro com o contexto e realidade das crianças se encaixou perfeitamente. A turma é composta por alguns alunos que estão pela primeira vez frequentando uma escola, existem muitas novidades nas atividades da rotina escolar, alguns até algum tempo choravam por querer ficar em casa, não conhecem tanto sobre a vida de outras pessoas, muito se resume às experiências vividas com seus familiares. Ter a oportunidade de conhecer outras famílias, apresentar parte da sua própria história e conhecer sobre a família de outras crianças que convivem diariamente foi muito divertido para eles. Um exemplo de que essa atividade levou as crianças a conhecer mais um aos outros é que diversas vezes eles perguntam pelos familiares uns dos outros. Em alguns momentos na rodinha quando estamos falando sobre as novidades do fim de semana, por exemplo, eles perguntam para Luiza se seu avô daquela foto não foi com ela para o passeio de fim de semana e para os gêmeos se o irmão Bruno o da outra barriga não participou da festa que teve na casa deles. As crianças lembram das pessoas e mencionam elas nos comentários da história de algum colega como se fossem conhecidos pessoalmente. É lindo perceber que uma história pode ser explorada, trazendo benefícios ao grupo e expandindo o olhar das crianças. Pode também entrelaçar as histórias de vida, criando e fortalecendo os laços afetivos entre eles.

Foto 4 – Desenho Carla



Foto 5 – Desenho Maria Beatriz



Foto 6 – Desenho Luiza



Foto 7 – Desenho Paulo



5.3 2ª OFICINA: QUAL A HISTÓRIA DO MEU NOME?

A segunda oficina aconteceu na sala de aula, novamente no tapete, local onde eles sempre esperam atividades divertidas. Nesse dia aparentemente seria

mais uma rodinha comum onde faríamos a marcação do calendário, rotina com nossas atividades do dia e a “chamadinha” com as fichas de nomes. Até o momento eu não havia contado que nossa rodinha seria recheada de histórias e que eles conheceriam um pouco mais da professora e deles mesmo. As fichas com nomes são usadas diariamente, cada aluno possui uma ficha com o seu nome em caixa alta e por meio delas realizo atividades diversas como reconhecimento do nome, reconhecimento das letras, contagem e sorteios.

Após as atividades comuns do dia, tirei de dentro do armário um livro, eles logo se empolgaram e começaram a dizer: - oba hoje tem história no começo da aula. O estudante José olhou para a capa do livro começou a descrever os desenhos: - olha tia! Uma velhinha, um carro turbinado e um cachorro. Conte então o nome da história: A velhinha que dava nome as coisas, da autora Cynthia Rylant e ilustradora Kathryn Brown. Ao longo da contação da história, mudei algumas palavras que estavam no livro para facilitar o entendimento deles, por se tratar de um livro com um texto grande contei com minhas palavras algumas partes, fiz vozes diferentes e tentei ao meu máximo dar emoção ao livro com minha entonação. Em alguns momentos eles ficaram rindo das situações que tinham no livro, achando engraçado o nome que a velhinha deu para a cama, a poltrona e o carro. Comentavam as ilustrações como no caso do carro turbinado e até ficaram tristes quando o cachorro sumiu, não aparecia mais na casa da velhinha, ficaram mais tristes ainda quando ela ligou para o canil e o responsável pelo local perguntou o nome do cachorro e ela não tinha nenhum nome para falar. Ao contar a história eles sussurravam: - ahhhh, que triste! Quando a velhinha deu nome ao cachorro eles me olharam com uma carinha muito feliz, bateram palmas quando ela encontrou ele no canil, demonstrando que estavam há muito tempo torcendo para que ela levasse o cachorro para casa e desse um nome para ele. Machado & Rocha (2011, p. 11) diz que: “[...] história boa é aquela que emociona”. E acredito que essa sim foi um atividade emocionante.

Após a leitura abrimos espaço para os comentários das crianças sobre a história, é difícil segurar para que eles realmente só façam comentários e perguntas nesses momentos. Alguns logo falam sobre o desejo de ter um cachorro, Marcos logo no início da história disse que ia ganhar um cachorro pequeno e branco, mas que ela iria morar na casa da avó, seu irmão Antonio já disse que não ia ter cachorro nenhum que sua mãe disse que só iria comprar um peixinho, José quis dizer o nome

do cachorro da tia e Paulo falou do seu amigão Hércules. Todos queriam falar o nome que davam aos diversos objetos pessoais e os futuros nomes que dariam as coisas depois que acharam tão divertido o que a velhinha fazia.

Aproveitei a empolgação deles e peguei novamente as fichas dos nomes, pedi que cada criança pegasse a sua e passasse o dedinho nele, em cada letrinha, que lesse o nome que estava escrito naquela ficha e que depois ficasse apenas contemplando. Pedi também que repetissem a frase: - nossa que nome lindo! Que nome fofinho! Quantas letrinhas bonitinhas! Meu nome é tão lindo! Tão lindo! Eles olhavam para o nome e me olhavam com um rostinho tão feliz, com uma carinha de “nossa que divertido”, como se estivessem descobrindo algo novo em um pedaço de papel que estava diariamente com eles. Algo novo no velho. Segundo GARCEZ (2008, p. 9), “[...]usamos textos da literatura infantil tanto como fonte de prazer e alegria, quanto como fonte de conhecimento e também pretexto para consolidar habilidades de leitura dos nossos alunos”. No maternal dois eles ainda não estão aptos a aprender a ler convencionalmente, mas da própria maneira da criança podemos estimular para que ela arrisque leituras conforme o seu olhar, trabalhando habilidades para leituras. Como Paulo Freire (1989, p. 9) acredito que a leitura começa muito antes de se aprender a ler convencionalmente.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Após uma pequena pausa para beber água, voltamos para a rodinha e comecei a falar que todos os nomes eram especiais, que eles foram escolhidos com muito carinho e amor por alguém que nos amava muito. Falei que cada nome tinha uma história diferente, e que eu iria contar a minha história para eles.

Quando minha mãe descobriu que tinha um bebê em sua barriga logo começou a conversar com meu papai para resolver o nome que eu ganharia. Nesse momento a Ana Beatriz soltou: - oxe! E professora tem mãe? Eu disse que sim, que a professora tinha papai, mamãe uma irmã e um irmão. Eles ficaram surpresos e logo foram perguntando o nome de todos da minha família. Fui falando os nomes e contei que quando eu nasci muitas crianças e bebês chamavam Raiana, como meus pais queriam um nome diferente eles mudaram para Rayane e colocaram a letrinha Y que poucas palavras e pessoas têm. Escrevi meu nome e o nome que estava na

moda em um papel para que eles enxergassem melhor o que eu estava falando e a diferença entre os nomes. Como trabalho as letrinhas em atividades diversas na sala e eles já reconhecem algumas o Marcos logo reconheceu a primeira letra do meu nome como a letra do pai dele que chama Ricardo, entenderam também que meus pais trocaram a letrinha do final mudaram o A do Antonio pelo E que tinha no final do nome do José. Aproveitei para dizer que as palavras e os nomes das pessoas e coisas são assim usam letrinhas de todo mundo para se formar e fazer sons. Queria poder colocar uma foto da expressão que eles fazem quando falo alguma coisa que eles consideram interessante. São tão lindos!

Questionei se alguma criança sabia como o papai e a mamãe tinha escolhido seu nome, Bárbara começou imitando a história que eu contei: - mamãe descobriu que tinha um bebê na barriga, falou com o papai e chamou de Bárbara. Eu disse que a história era linda e que tinha mais alguns detalhes que a mamãe e o papai poderiam contar para ela. Como mais ninguém soube contar, perguntei se alguma criança tinha curiosidade de saber como eles escolheram nomes tão lindos, todos empolgados disseram que sim. Combinamos que quando chegassem em casa cada um perguntaria para seus pais como eles escolheram seus nomes, escutariam com muita atenção a história para no outro dia poderem contar para todos os amiguinhos. Eu propus também enviar uma folha especial para que essa história fosse escrita e assim eles poderiam mostrar para todas as pessoas. Nem terminei de falar e fui interrompida com sugestões e ideias das crianças. Sugeriram que eu colasse as histórias no mural, que eu ligasse para avó que mora em outra cidade e até que publicasse na revista da escola. A revista a qual eles fizeram referencia é um lançamento feito duas vezes por ano com a publicidade da escola, na semana anterior ela tinha sido enviada e antes deles levarem para casa fizemos uma atividade especial, folheando procurando nossas fotos e lendo algumas notícias. Achei interessante o link que eles fizeram, mas como a próxima edição da revista iria demorar sugeri que depois que cada um contasse sua história, faríamos um desenho e colaríamos tudo no mural.

Quando terminei a rodinha, sugeri que fossem beber água, Lucas então questionou se eu não iria deixar que eles folheassem sozinhos o livro. Só depois que todos olharam consegui dar início as outras atividades do dia. Consigo perceber que no momento em que eles ao seu tempo folheiam as páginas dos livros algo interessante acontece, eles vão ao seu modo lendo aquelas páginas, por meio dos

desenhos, das cores e de tudo que de alguma forma chama a atenção. Garcez (2008, p. 51) fala sobre isso:

"[...] o contato com o livro infantil é também uma experiência de leitura de outras linguagens: pintura, desenho, gravura, colagem, modelagem, bordados, dobraduras...".

No final da aula a mãe do José que trabalha na escola veio me pedir um material emprestado, aproveitou para dar um beijo em seu filho, quando eu percebi todas as crianças estavam em volta dela perguntando por que o nome do José era esse, como ela escolheu e se o carro dela tinha nome. Ela então contou a história para todas as crianças que ficaram atentas escutando, disse que existe um santo chamado São José e que ela leu na bíblia em uma passagem que seu nome significava Deus presente e por isso escolheu esse nome, por desejar que Deus sempre esteja presente na vida do José. Quando ela terminou bateram palma e saíram correndo para abraçar o José, foi a maior festa. Ter a própria mãe relatando parece que deu mais emoção a história, ficaram tão contentes que quando os demais pais chegaram para buscar já foram logo perguntando o porquê do seu nome. A reação das crianças nessa atividade foi muito interessante, manifestaram a curiosidade de saber mais sobre a sua história de vida e sobre a vida dos colegas, conseguiram manifestar uma necessidade de escuta incrível e em nenhum momento precisei pedir a atenção deles.

Enviei a atividade em uma sexta-feira, após o fim de semana fui recebida pelas crianças já com as folhas na rodinha. Percebi que todas estavam com a folha e fiquei muito feliz, os pais se dedicaram participando, gastaram seu tempo escrevendo e relatando oralmente para os filhos suas histórias, foi muito bom ver essa relação da escola x família dando certo.

No momento de cada um relatar sua história, expliquei que eles fariam isso sozinhos e que se precisassem de ajuda eu poderia fazer a leitura do que os pais haviam escrito no papel.

A primeira história contada foi a da Luiza, disse que tinha um bebê na barriga da mamãe, que ela chutou e se chamou Luiza. No papel a mãe relata que estava em dúvida entre dois nomes, na hora da ultra-sonografia disse os dois e quando pronunciou Luiza o bebê chutou. Ela então entendeu esse chute como um sinal de que a bebê que estava em sua barriga gostaria de se chamar Luiza.

A história do nome dos gêmeos foi um pouco mais complicada de contar, eles contaram que foi feito um sorteio na casa da avó e que depois seu pai decidiu o de

quem nasceu primeiro. No relato da família a mãe contou que quando soube que eram gêmeos levou todos os possíveis nomes para que as famílias escolhessem. Participaram dessa escolha primos, tios e avós. Os nomes mais votados foram Antonio e Marcos, o papai então decidiu que o que nascesse por último seria Antonio para que na escola ele fosse uns dos primeiros e o que nascesse primeiro se chamaria Marcos, pois na escola ele seria um dos últimos da chamada. Expliquei para as crianças que eles nasceram no mesmo dia, que dividiram a barriga da mamãe e que ficaram juntos lá durante o tempo que a barriga da mamãe cresce. Alguns me olharam com uma expressão de susto, e outros acharam divertido dividir a barriga, Paulo até perguntou se eles brincaram lá dentro.

A história do nome da Maria Eduarda é a junção do nome do pai, da mãe e do irmão dela. Ela não queria contar então eu perguntei se eu poderia contar o que a família dela escreveu. Comecei a falar que seu nome era o nome do pai mais o nome da mãe e ela logo me interrompeu dizendo: - aí prof! Tem o nome do meu irmão também! Depois disso ela mesma voltou e contou desde o início a história.

A escolha do nome Lucas foi feita por ser um nome bíblico, conhecido como "discípulo amado" de Jesus. O papai e a mamãe concordaram com a sugestão da madrinha de Lucas e assim a escolha foi feita logo no início da gravidez.

A sugestão do nome da Carla foi feita pelo pai, a mamãe achou o nome lindo e concordou. Hoje consultando o nome a mamãe diz que a estudante é tudo aquilo que diz no seu significado e veio para iluminar a sua família.

Maria Beatriz foi escolhido por ser o primeiro nome uma referência à mãe de Jesus, e segundo nome uma música que o papai cantava enquanto o bebê ainda estava em sua barriga.

A história do nome do Paulo foi uma das que mais me surpreendeu, a mamãe já tinha decidido tudo com o papai, preparou lembrancinhas e até enfeite para a porta do quarto no hospital, quando o bebê nasceu a mamãe olhou e disse ele não tem cara de Lucas tem carinha de Paulo e assim foi feita a escolha do nome.

Por último Bárbara contou a história do seu nome, disse que a mamãe adora assistir televisão, uma vez estava passando um programa de moças lindas e tinham duas com o seu nome a mamãe gostou, conversou com o papai e então combinaram que o bebê iria se chamar Bárbara. O programa ao qual a estudante se refere é o miss Brasil. A mãe conta a história com mais detalhes no papel que foi

enviado para casa, mas não houve necessidade de intervenção pois as crianças entenderam bem a história que Bárbara contou.

A atividade do nome foi bastante rica, eles participaram, comentaram e decidiram o que poderíamos fazer com tantas informações novas. Saber um pouco mais da sua própria história fez com que eles se sentissem mais estimulados a participar. Poder conhecer mais sobre os nomes dos colegas também foi divertido, na hora todos ficaram atentos para escutar e ficavam ansiosos pela próxima história. Vários pais em outro momento me perguntaram sobre essa atividade, elogiaram e relataram a euforia de seus filhos para saber mais sobre sua própria história, contaram também que eles chegaram em casa contando a história dos nomes dos colegas e alguns até sobre o nome da professora. Acredito que quando compartilho algo sobre minha vida, eles se sentem mais próximos, percebem que a professora é tão real quanto eles. Muitas vezes como professores nós nos colocamos em um lugar alto onde as crianças nos obedecem, aprendem o conteúdo e só, percebi que ao descobrirem que eu tenho uma história do meu próprio nome, pai, mãe e irmãos me fez mais próxima deles. A troca de histórias ensinou a eles um pouco mais, mas quem realmente ganhou nessa atividade fui eu, ao compartilhar minha história, conhecer a história dos meus pequenos e perceber que uma simples atividade nos colocou mais próximos uns dos outros.

Para encerrar pedi que cada um fizesse um desenho seu, escrevesse seu nome do seu jeito e pintasse tudo com muito carinho. Como combinado no início coloquei o desenho e o registro feito pelos pais no mural para que todos conhecessem um pouco da história dos nomes dos meus alunos. É um rotina da escola ter desenhos no mural, a troca é feita de 10 em 10 dias e todos que passam olham rapidamente. Percebi que, durante os dez dias que essa atividade do nome ficou no mural, muitas pessoas pararam para ler as histórias, foi algo que chamou a atenção dos pais, professores e demais pessoas que passavam por ali.

Na primeira das fotos a seguir, foi retirado o nome da criança para evitar quaisquer questões que possam surgir da identificação dele.

Foto 8 – Marcos e seu nome



Foto 9 – No primeiro desenho Bárbara e no segundo Maria Eduarda na barriga da mãe



5.4 3ª OFICINA: CUIDADOS COM O PLANETA

A terceira oficina aconteceu na graminha da escola. A escolha do local aconteceu em uma tarde em que as crianças estavam brincando na areia, boa parte da escola estava com sol, mas em um determinado canto da graminha a sombra, vento e árvores pareciam amenizar o calor e possibilitar um ambiente de reflexão e descanso. Foi nesse momento que eu pensei, poxa vida, nunca trouxe as crianças para escutar histórias em espaços diferentes, é sempre o mesmo tapete, mesmo horário e a mesma sala. O local escolhido combinava perfeitamente com a história que fala sobre ações que contribuem com o cuidado e preservação da natureza.

Como na primeira oficina as crianças ficaram empolgadas com o aviso de que contaria uma história especial no outro dia, resolvi então fazer algo que já havia feito na primeira oficina, mostrei a capa do livro, disse o título O livro do planeta Terra e autor Todd Parr, perguntei o que eles achavam e disse que no outro dia eu contaria aquela história em um local diferente. Insistiram muito para que eu contasse pelo menos um pouco, mas como os pais já estavam chegando, aproveitei a situação para dizer que não daria tempo. Inconformados me pediram para folhear o livro do "todinho". Eles se referem ao autor do livro dessa maneira porque na primeira vez que eu contei uma história dele, outro título que não trabalho nessa pesquisa, o Lucas perguntou se era o Todd do todinho achocolatado que eles tomam quase que diariamente na hora do lanche. As crianças se divertiram muito com o tal Todd do todinho, por isso sempre que vou contar uma história desse autor, alguma criança lembra dessa piada. É interessante que mesmo em uma criança de pouca idade, já conseguimos ver traços de humor, relação de sons entre palavras e reconhecimento de um nome por meio de algumas letras em uma palavra.

É impressionante ver a empolgação deles ao saber que terá um momento com história. Ana Maria Machado (2011, p. 90) faz uma importante consideração nesse sentido:

"Acho que o livro é uma caixinha de surpresas para uma criança. Cada vez que vira uma página, ela encontra uma coisa diferente. O livro desperta curiosidade, vontade de entrar naquele universo de faz de conta, ainda mais se a criança está acostumada a que lhe contem histórias!".

No dia seguinte, fizemos normalmente a rotina, colamos na parede as atividades do dia, e quando coleei a plaquinha da hora do conto eles logo reclamaram que eu disse que seria em um local especial, pedi que eles tivessem calma que na hora do conto eu os levaria para o ambiente surpresa. Durante boa parte da tarde as

crianças ficaram me perguntando se já estava chegando a hora, pedi que consultassem a rotina para ver em qual atividade estávamos e quantas faltam para chegar a hora do conto. Me deu um aperto no coração essa ansiedade deles, mas pensava comigo mesma que muita expectativa poderia trazer bons momentos para essa hora do conto.

Finalmente chegou o momento, desci para a grama com eles e levei o livro dentro de um saco preto que geralmente carrego alguns brinquedos. Chegando no local que eu havia pensado sentamos em rodinha e cantei algumas músicas. Algumas crianças ansiosas pelo momento perguntaram o que eles iriam fazer, questionaram onde estava o livro já que eles não conseguiam ver, perguntaram se eu tinha esquecido na sala e já queriam pedir para outra professora ir lá buscar. Quando tirei o livro do saco foi uma gritaria, tenho mania de gritar “uhul” em algumas situações de emoção e lá estavam eles imitando meu grito de alegria.

Comecei a contar a história, dessa vez li o texto conforme está escrito no livro, depois fui passando página por página e fazendo intervenções em algumas partes explicando melhor algumas situações e trazendo para a realidade deles. Expliquei que sacolas e papéis são feitos de árvore, que carros soltam fumaça que faz mal a saúde e por isso andar de bicicleta seria mais saudável para a respiração e para o corpo, andando de bicicleta eles estariam se exercitando, expliquei que aqui onde nos moramos não existe neve, mas que se sujarmos as nossas praias, por exemplo, não poderíamos fazer construções na areia e por último expliquei o que era reciclar e reutilizar. Ao longo da leitura eles ficavam comentando eu não faço isso, eu faço aquilo e falavam: - nossa tia que grande ideia! Luiza logo comentou que vai de bicicleta para escola por isso ela já ajuda o mundo. José comentou do lixo que sempre joga na lixeira e Ana Beatriz contou que perto da casa dela tem alguém que joga lixo na rua e por isso que o mundo está ficando feio. Para encerrar a atividade pedi que eles deitassem na grama, que aproveitassem aquele ventinho gostoso e olhassem para o céu azul. Eles ficaram lá um tempo e logo começaram a repetir o que eu tinha dito “nossa que céu azul e bonito”, convidei eles para olhar as plantinhas e brincarem de maneira livre no gramado.

Quando voltamos para sala mostrei para eles um clipe da turma da Mônica com uma animação muito divertida para crianças, a música do clipe é:

É Preciso Reciclar Turma da Mônica

Reciclar o lixo é a solução
 Pra acabar de vez com a poluição
 O que é reciclado logo se transforma
 E a gente reutiliza, mas de outra forma
 Plástico vira bola, papel vira sacola
 É só ter consciência do que se joga fora
 Na hora de jogar,
 separe o lixo direitinho
 Assim você terá
 um mundo muito mais limpinho

Reciclar, reciclar...
 É preciso reciclar!
 Reciclar, reciclar...
 A gente tem que reciclar!

E o lixo transformado
 não será mais despejado
 nos campos, nos rios,
 nas ruas e cidades.
 Pra nossa felicidade!

Reciclar, reciclar...
 É preciso reciclar!
 Reciclar, reciclar...
 A gente tem que reciclar!

A música é bastante agitada com um ritmo gostoso, eles começaram a dançar e eu deixei que aproveitassem livremente esse momento. Quando a música acabou pediram que eu colocasse novamente a música, repeti então umas quatro vezes e quando já estavam cansados de dançar, pedi que sentassem no tapete para assistir ao clipe. Todos ficaram bem atentos e até arriscaram a cantar algumas partes. No momento do clipe onde mostra o lixo, a fumaça da poluição, as florestas pegando fogo e os rios sujos eles estava com uma carinha de tristeza, e o Marcos falou que se não cuidarmos do mundo ele ficaria assim, José disse que isso não era legal e que não queria nosso planeta dessa maneira, Carla disse que nunca mais iria jogar lixo na rua e a Bárbara que as árvores todas sumiram do desenho e ela não queria que isso acontecesse de verdade.

Ainda na rodinha conversei com eles explicando que essas coisas só iriam acontecer se nós não cuidarmos do planeta, sugeri que eles fossem para casa pensando no livro que lemos e no clipe que assistimos, que pensassem também em coisas que eles poderiam fazer para ajudar a cuidar de todas as coisas que gostamos e que não queremos ficar sem.

No outro dia iniciei a rodinha contando novamente a história, eles escutaram com atenção e no final perguntei se alguma criança gostaria de contar no meu lugar a história para os amigos. Achei interessante propor essa troca, pois, segundo

Brandão & Rosa (2010, p. 178), "[a] leitura compartilhada possibilita um encontro em que crianças e adultos podem se colocar em diferentes posições e podem conhecer o outro e se reconhecer." Foi uma bagunça todos queriam ser a professora e contar a história, combinamos em fazer um sorteio e que todos os dias uma ou duas crianças iriam contar a história no meu lugar. Eles adoraram essa ideia. O primeiro sorteado foi a Maria Eduarda, a estudante não gosta muito de se expor, mas logo que viu seu nome sendo sorteado correu para pegar o livro, disse o nome do livro "O planeta", e começou a folhear procurando as figuras que ela lembrava o que falar, disse que usava o papel dos dois lados para não gastar, que amava as árvores e que os bichos moram nelas e por isso não se pode cortar e por fim disse que não joga lixo na rua e a história acabou. Me colocando no lugar de ouvinte consegui escutar a história por um outro ponto de vista, entendi quais momentos chamaram mais a atenção da aluna e percebi que ela enquanto estudante que quase não se expõe em momentos na rodinha com essa atividade conseguiu se soltar e sentir segura para participar. Refletindo no papel do professor, percebi a importância da escuta, de não ser o detentor da palavra, mas o que escuta atentamente e com sensibilidade, uma quase inversão do papel tradicional do educador, que é o da fala e raramente o da escuta.

Ainda na rodinha fui perguntando e anotando o que eles faziam para cuidar do mundo. Antonio disse que não joga lixo na rua, Maria Eduarda só usa um pouquinho de papel para enxugar as mãos, José não vai deixar os homens cortarem as árvores, Paulo joga o lixo na lixeira, Bárbara não pisa nas flores, Maria Beatriz joga água nas plantinhas, Carla dá água para as florzinhas, Lucas enche o planeta de amor, Marcos não gasta a água e Luiza não deixa as coisas sujas. Assim como sugere Ruth Rocha (2011, p. 93), "[a]cho que devemos perguntar coisas para a criança e deixá-la à vontade para responder, para imaginar, para criar". Deixei que as crianças pensassem e respondessem do seu jeito.

A partir dessa conversa contei que iríamos fazer um livro parecido com o do autor Todd Parr, mas que a história seria contada com os cuidados que eles me falaram. Disse que eles seriam autores de um livro e que o desenho também seria feito por eles. Ficaram todos muito felizes.

Perguntei como poderíamos fazer para não gastar tanto papel e assim ajudarmos a preservar as árvores, Paulo disse que poderíamos usar os dois lados do papel para fazer o livro, todos concordaram, e eu então sugeri que ao invés de

usarmos o papel branco poderíamos usar jornal velho e assim estaríamos reutilizando algo que provavelmente iria para o lixo. José questionou se isso daria certo já que o jornal já era cheio de letrinhas, eu então perguntei se alguém tinha uma ideia para tamparmos as letras do jornal, e a Bárbara disse que poderíamos pintar com tinta. Concordei e logo pedi que todos vestissem o macacão que usamos para pintura. Recortei as folhas de jornal e falei que nosso livro seria em forma de planeta Terra, e que depois eles desenhariam em pedaços de papéis e eu recortaria para colar no jornal. Todos concordaram e fomos fazer a pintura dos jornais.

Foi uma grande bagunça que deu certo, eles começaram usando pincel e com medo de se sujar, aos poucos foram se soltando usando a mão e alguns até os pés, deixei que pintassem do seu jeito, disse que o macacão e a sala seriam limpos depois e que não precisavam se preocupar com a sujeira contanto que eles pintassem o jornal para o nosso livro ficar pronto o mais rápido possível.

Nos dias seguintes deixei que em momentos diferentes as crianças contassem do seu jeito a história do Todd Parr, foram momentos divertidos, percebi que eles adoraram esse tipo de atividade, as crianças, de acordo com Brandão & Rosa (2010, p. 181), "ficam muito motivadas a compartilhar o relato das histórias na sala de aula, demonstrando interesse e desinibição para dramatizar as histórias conhecidas...". Observei que ao contar a história eles mesmos inventavam caras e entonações diferentes para destacar o que estavam falando. José começou a fazer cara de triste e voz de choro quando nos contou que o mundo iria ficar feio se nós não cuidássemos dele. Carla imitou peixinhos falando que adoram água limpa e Marcos no meio da leitura do livro encenou uma briga com a babá que não desliga o chuveiro para economizar água. Foi um momento muito divertido esse.

Nas demais aulas, fizemos os desenhos individuais, cada um de acordo com o que falou, eu fiquei responsável pelo recorte e colagem e depois de pronto li para eles. Foi um momento bem legal, eles ficaram atentos enquanto eu lia, depois deixei que cada um folheasse e também que mostrassem sua página do livro para os colegas. Todos participaram com muito entusiasmo. No final coleí o livro no mural e conforme os pais foram chegando eles iam convidando para mostrar o livro que eles tinham escrito.

Os pais elogiaram bastante essa atividade, a mãe do Marcos relatou que ele realmente brigou com a babá em casa porque ela não estava cuidando da água, a mãe da Luiza disse que ela só queria ir de bicicleta para escola, Maria Beatriz

controla o tempo que a torneira fica ligada para a mamãe não acabar com a água do mundo e a mãe do José contou que ele estava parecendo gari, cantando todos os lixos que achava jogado no chão.

Concluo que essa terceira oficina foi muito importante para o entendimento e crescimento das crianças. Escutar o relato dos pais me faz perceber que elas colocaram em prática aquilo que escutaram e vivenciaram na sala de aula. Percebi que a partir do livro posso desenvolver varias atividades relacionadas. A criação de um livro com as crianças como autores foi muito importante para que eles se sentissem importantes e reconhecidos ao receberem elogios dos próprios pais.

Foto 10 – Crianças pintando o jornal



Foto 11 – Páginas do livro feitas pelas crianças



Percebo que as três oficinas foram muito importantes para o grupo, houve um envolvimento por parte de todos os participantes, tanto com as histórias quanto com as atividades propostas. As crianças participaram e se envolveram de uma maneira tão agradável e natural que muitas atividades se iniciaram com uma proposta e ao longo do percurso com as participações e sugestões das crianças tomaram outro rumo e deram certo. Foi muito bom perceber que todos os participantes estavam envolvidos, praticando uma escuta sensível, criando, dando ideias, conversando e explorando assuntos diversos de forma natural. A curiosidade que movia o interesse do grupo também foi emocionante, ver todos se interessando foi lindo! A relação entre as crianças e o livro literário também foi de impressionar, eles queriam tocar, manusear do seu próprio jeito, e recontar as histórias. Foi muito bom perceber e ver com meus próprios olhos que o contato com o livro repercutiu e envolveu as crianças de uma maneira que os levaram a recontar as histórias nas rodinhas para os colegas e em casa para os familiares, como alguns pais relataram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho me permitiu refletir sobre diversos assuntos ao longo de sua construção, em especial a utilização do livro literário na educação infantil, o papel do professor, as possibilidades de atividades e brincadeiras que o livro pode proporcionar e o envolvimento das crianças em atividades com os livros.

As dificuldades encontradas durante o percurso foram muitas, por vezes não sabia qual caminho tomar, mas ao longo da caminhada consegui concluir cada etapa a meu ver de maneira satisfatória. Foi uma grande conquista chegar até aqui, apesar das minhas limitações enquanto estudante, pesquisadora e professora.

O estudo que realizei ao longo dessa pesquisa me deu suporte para enriquecer minhas ideias, transformar minha prática e mudar atitudes em relação ao meu papel de estudante e professora, melhorando assim minhas concepções e prática dentro da sala de aula, pensando em novos trabalhos e outras possibilidades e em minha vida pessoal construindo novos caminhos para trilhar na construção do meu eu.

Ao utilizar o diário de bordo, e escrever ali tudo o que acontecia em minha prática, fui tocada por minhas ações, refletindo sempre que fazia leitura daquelas anotações. Percebi a importância das escolhas feitas pelas crianças e como a opinião delas é importante para o crescimento do grupo em uma sala de aula, como o professor não precisa ser o detentor da razão e da palavra, visto que o aprendizado enriquecedor se dá quando todos participam da sua maneira e colocam suas ideias, percepções e contribuições.

Outra reflexão que fiz ao longo da construção desse trabalho foi quanto à escolha dos livros utilizados para a realização das oficinas. Escolhi os livros por serem muito estimados por mim, por fazerem parte do meu arquivo pessoal e por conterem um conteúdo rico em linguagem visual e textual para crianças. Mas durante a construção deste trabalho me dei conta que nenhum dos livros era de autores brasileiros, que contemplei apenas dois autores estrangeiros, utilizando o autor Todd Parr em duas das oficinas. Refletindo sobre essa ação, fui buscar e pesquisar autores brasileiros e suas obras. Claro que já conheço alguns, fizeram parte da minha infância e várias literaturas utilizadas nesse trabalho eles são citados e suas lindas obras literárias estão espalhadas por quase todas e qualquer biblioteca e livraria que entramos. Percebo que é necessário e importante contemplar obras e

autores ricos que temos em nosso país, que fazem parte da nossa história e trazem em seus livros conteúdo e diversão que falam de realidades vividas pelos brasileiros.

Ao estudar e realizar as oficinas foi possível desenvolver atividades que mobilizaram as crianças, criaram nelas expectativas e curiosidade pelo livro e seu conteúdo. Consegui assim envolver teoria e prática, alcançando os objetivos propostos na fase inicial do trabalho. A participação das crianças me permitiu concluir que o trabalho realizado por meio de livros literários pode sim ser um interessante caminho para introduzir os alunos da educação infantil no mundo em que vivemos e também no mundo das letras que começa a ser descoberto por eles nessa primeira etapa de educação convencional.

Ao finalizar esse trabalho tenho como meta continuar meu trabalho com crianças que frequentam a educação infantil, aprofundando meus estudos e buscando proporcionar momentos de aprendizado e prazer para os pequenos por meio dos livros e outros instrumentos que contribuam para o seu desenvolvimento e formação.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Sempre desejei trabalhar em uma área em que pudesse de alguma maneira ajudar as pessoas e foi através do curso de Pedagogia que me encontrei como educadora.

A graduação é um sonho alcançado, uma etapa concluída e o início de uma nova caminhada. Sonho alcançado, pois sinto orgulho em ser uma professora capaz de enxergar cada aluno como cidadão com potencial de desenvolver e conquistar, por meio da educação, seu espaço na sociedade. Etapa concluída, pois finalizo aqui um percurso da minha vida estudantil. E o início de uma nova caminhada, pois me encontro agora frente a novas possibilidades e novos sonhos.

O curso de Pedagogia proporcionou-me vivências jamais imaginadas. A experiência com a educação infantil me cativou e me fez ver na educação um estímulo para contribuir com a sociedade por meio da profissão de professora.

Como perspectivas profissionais, desejo continuar sendo professora regente. Desejo estudar para concursos em minha área, pois sei que apesar de possuírem qualidade, as instituições particulares não oferecem estabilidade financeira e empregabilidade semelhante à rede pública. Desejo também não parar os estudos, assim que concluir esta última etapa da graduação, darei início a uma pós-graduação, visando o mestrado.

Quero também aperfeiçoar-me na aprendizagem da língua inglesa e dedicar-me à língua francesa ou, quem sabe, a outras línguas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ABRÃO, Eliane Yachouh. *Direitos de autor e direitos conexos*. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.
- ALVES, José Carlos Moreira. *Direito Romano*. 13. ed.. v. I. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro editora, 2007.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. *Ler e escrever na educação infantil: discutindo praticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autentica, 2010.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. v. III. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. v. I. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. Ministério da Educacao. *Literatura: ensino fundamental*. Coord. PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. Brasília: Ministério da Educacao, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- BRITTO, Luís Percival L. *Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil*. In: FARIA, A. L. G. de; MELLO, S. A. (Orgs.) *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira (Org.). *(Con) Texto em escuta sensível*. Brasília: Thesaurus, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil - teoria & prática*. São Paulo: Ática S.A., 1994.

- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *Ler = Muito Prazer*. Brasília: Conhecimento Editora, 2008.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000035/000035A2.%20Rosilene.pdf>
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Ana Maria; ROCHA, Ruth. *Contando Histórias, Formando Leitores*. Campinas: Papyrus 7 Mares, 2011.
- MACHADO, Ana Maria; ROCHA, Ruth. *Contando Histórias, Formando Leitores*. Campinas: Papyrus 7 Mares, 2011.
- NASCIMENTO, Bianca Ribeiro. *A literatura infantil como recurso pedagógico no processo de alfabetização-letramento*. Monografia de graduação. Orientadora: Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues. Brasília: UnB, 2011.
- PARR, Todd. *O livro da família*. trad. Kiki Pizante Millan. São Paulo: Editora Panda, 2003.
- PARR, Todd. *O livro do planeta terra*. trad. Tatiana Fulas. São Paulo: Panda Books, 2010.
- PARREIRAS, Ninfa. *Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- PERRENOUD, Philippe. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- Ricardo Azevedo (2009) <http://www.ricardoazevedo.com.br/biografia.htm>
- RYLANT, Cynthia. *A velhinha que dava nome às coisas*. ilustr. Kathryn Brown. trad. Gilda de Aquinol. São Paulo: Brinque-Book, 1997.
- SANT'ANNA, Afonso Romano. *A Sedução da Palavra*. Brasília: Ed. Letraviva, 2000.
- SAVIANI, Dermeval. *Histórias das idéias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. rev. - Campinas, SP: Autores Associados, 2010.